Da preeminência, em si e segundo as declarações dos Sumos Pontífices LEÃO XIII, PIO X, BENTO XV E PIO XI, da Filosofia e Teologia Tomista, a propósito de um opúsculo sobre “A Escolástica e as suas tarefas atuais”

SAC. PAOLO DE TÖTH

“Quoniam sanctum est honorare veritatem prae ceteris amicis, ut dicit Philosophus in 1° Ethic., ideo virtuosi homines non dimittunt propter veritatem ami- cis displicere, ea quae contraria reputant veritati reprobando” – D. Thomas in opusc. de Pluralitate formarum

TIPOGRAFIA "LA COMMERCIALE" - ACQUAPENDENTE ANO 1936 - XV E. F.

NIHIL OBSTAT QUOMINUS IMPRIMATUR Faesulis, Idibus Octobris 1936. Can. Doctor I. Biagioli, Censor

IMPRIMATUR Faesulis, die XVIII Octobris. ✠ Ioannes Fossà, Epis. Faesul.

Sumário

I. GRANDE DOUTOR SANTO TOMÁS, MAS MORTO E SEPULTADO.....4
II. OLHAR RETROSPECTIVO SOBRE O OPÚSCULO «A ESCOLÁSTICA E AS SUAS TAREFAS ATUAIS» E OBSERVAÇÕES GERAIS.....6
III. EXISTE UMA FILOSOFIA CRISTÃ?.....8
IV. FILOSOFIA CRISTÃ E FILOSOFIA ESCOLÁSTICA.....9
V. LOUVORES QUE ESCONDEM PUNHALADAS.....12
VI. ONDE DEVEM SER BUSCADAS AS VERDADEIRAS CAUSAS DA DECADÊNCIA DA ESCOLÁSTICA.....13
VII. A ESCOLÁSTICA E AS SUAS TAREFAS ATUAIS.....17
VIII. SANTO TOMÁS NAS PRESCRIÇÕES DOS PONTÍFICES LEÃO XIII, PIO X, BENTO XV E PIO XI.....25
IX. AS XXIV TESES FILOSÓFICAS, EXPRESSÃO GENUÍNA DO PENSAMENTO TOMISTA E FUNDAMENTO DA SÃ E VERDADEIRA FILOSOFIA.....31
X. AS PRESCRIÇÕES DOS PAPAS LEÃO XIII, PIO X, BENTO XV E A COMPANHIA DE JESUS.....38

I. GRANDE DOUTOR SANTO TOMÁS, MAS MORTO E SEPULTADO

«...mais uma vez, Santo Tomás não terá nada... E ele será como era e o que era há vinte e cinco ou trinta anos: *um grande doutor* **no passado**; *um grande Teólogo* **no passado**. *Respeitado, venerado. Sem apego no presente, sem mordacidade, o que é um fenômeno tão singular, sem aquela mordacidade que só ela conta e que começamos a estudar servindo-nos precisamente do aparelho, do instrumento bergsoniano / um grande doutor considerado, celebrado, consagrado, enumerado*, **enterrado** »[1].

Estas palavras cruas, mas muito acertadas, de um homem que por Santo Tomás foi guiado e conduzido à verdade, Charles Peguy, vieram-nos frequentemente à mente nos dias passados, ao ler um opúsculo, há pouco saído à luz, sobre «*A escolástica e as suas tarefas atuais*».

Elas pintam e retratam, de fato, com perfeição aquela atitude (e o opúsculo nomeado é, como veremos, a sua última e mais completa expressão) que, no campo católico, tem vindo a ganhar terreno nestes últimos tempos, de considerar, isto é, Santo Tomás como um grande, aliás um grandíssimo mestre, mas morto e sepultado e de todo inadaptado para responder às exigências da ciência moderna, a menos que ele seja passado pelo crivo de uma nova interpretação, que permita aplicar os seus princípios aos da corrente filosófica moderna. E isto sob pena, para os católicos, de tornar cada vez mais vão o esforço, perante os homens do nosso tempo, céticos e incrédulos, da demonstração e defesa da verdade revelada.

Porque se é verdade que «*Santo Tomás é um sol vivificante, não se deve esquecer que também o sol tem as suas manchas...». «As leis do seu sistema são simples e gerais, como as da natureza, mas o sistema em si é imensamente complexo. Ninguém tome, por caridade!, a clareza verbal por evidência lógica. O tomismo não é tudo no que dele é relatado, nem a verdade eterna salta de todos os seus artigos. Quem não quer erro, deve julgar o tomismo como todos os seres vivos. Enquanto substancialmente permanecem os mesmos, eles mudam continuamente. A vida, de fato, é luta, adaptação ao ambiente, aprofundamento do ser. Ora, também Santo Tomás combate, adapta-se, aprofunda-se. Perante o mundo moderno, cheio de ceticismo, ele deve justificar as suas posições*»[2].

Assim um tal Edgardo Bruyne, e, antes dele, *o tradutor-editor* do opúsculo, que aqui se pretende examinar: «*A glória de Santo Tomás não diminuirá nem mesmo diante da Escolástica do futuro; será, porém, fatalmente destinada a receber uma outra interpretação, mas indubitavelmente mais veraz e autêntica de quantas até ao presente lhe foram dadas*»[3].

Somente deste modo o velho Tomismo poderá inserir-se nas descobertas da filosofia moderna e futura. Nem se creia que a tal nova interpretação a Igreja tenha de levantar objeção.

---

1 Ch. Peguy, Note conjointe sur Monsieur Descartes et la Philosophie Cartesienne, citada pelos Etudes, fasc. de 20 de março de 1934.

2 E. Bruyne, St. Thomas d'Aquin, L' homme — le milieu — la vision du monde, Beauchesne, Paris, 1928, cap. IV.

3 G. Bruni, Riflessioni sulla Scolastica, Roma, 1922.

Porque a Igreja sabe que inutilmente se pode tentar reduzir a Filosofia a «*poucas fórmulas áridas e secas, como são todas as fórmulas; e mais do que as outras, as fórmulas velhas*». Pois «a filosofia viva libertou-se do espírito geral da época em que se vive»[4], e para a Igreja seria um alhear-se da verdade isolando-se «de todos os filósofos que desde o século XIV até agora perscrutaram todos os nossos problemas; considerar como não ocorridos os estudos de Descartes, Spinoza, Kant, de todos os filósofos da escola científica»[5], para permanecer apegada, como ostra ao rochedo, a Santo Tomás, que ninguém, ou quase ninguém, já compreende, e que, se pudesse voltar ao mundo, seria o primeiro a pôr de lado a sua «Suma», ao menos no modo como está redigida, e trataria as questões que ali discute «com método diverso»[6] ou seja «com um método mais conforme à história e à vida, olhando menos lá para o alto no céu esplêndido e sereno da metafísica»[7], que aos Escolásticos da Idade Média não deixava «tempo nem força para baixar um olhar sobre este pobre mundo das coisas físicas»[8].

E quem, de fato, senão um superficial, pode crer e pensar «que seis séculos — tantos separam Santo Tomás de nós — não tenham modificado em rigorosamente nada o nosso estado intelectual?... E seria também muito superficial crer que se trate apenas de modificações "quantitativas", consistentes, isto é, nalguma adição de verdades outrora ignotas. Certamente, também isto existiu; não apenas isto, porque isto trouxe e traz consigo modificações "qualitativas". Nós, mesmo querendo, já não conseguimos repensar tal e qual a Filosofia de Santo Tomás; pode-se conseguir, no máximo, repeti-la»[9].

Do que a Igreja estando bem persuadida, e já não insistindo senão por motivos apenas de prudência e de oportunidade e de boa política em apresentar, nas encíclicas dos seus Pontífices e nos cânones da sua lei, Santo Tomás como o guia-príncipe e mais seguro e autorizado e oficial da verdade, da qual Cristo lhe confiou a defesa e a custódia, acabará por ceder e adaptar-se às tentativas e às riquezas da «corrente neotomista ou progressista», que tomou o encargo de combinar o arranjo entre o Aquinate e Spinoza, Descartes, Kant, Rosmini, William James, Le Roy, etc.

Esta corrente, afirma Bruni, quase como conclusão das asserções de Semeria, já entrou, de fato, «na posse desta verdade»: possuir a história um valor, para além de ser «magistra vitae», como «magistra veritatis», e de onde a apropriação cada vez mais vasta para eles do «conceito bruniano da historicidade da ideia»[10], ou seja, para sermos mais claros, da evolução da verdade em nome da história e da vida. Somente deste modo Santo Tomás poderá ter ainda alguma palavra a dizer ao mundo; de outro modo ele poderá continuar a ser visto como um grande Santo e um grande Doutor, mas no passado: «dans le passé», ou seja, morto e sepultado: «enterré».

---

4 Semeria, Scienza e Fede, pág. 18.
5 Semeria, Scienza e Fede; pág. 21.
6 Id., Dogma, Gerarchia e Culto, pág. 73.
7 Ibid., 10.
8 Ibid., ibidem.
9 Id., Scienza e Fede, cap. IX.
10 Bruni, op. e l. c.

II. OLHAR RETROSPECTIVO SOBRE O OPÚSCULO «A ESCOLÁSTICA E AS SUAS TAREFAS ATUAIS» E OBSERVAÇÕES GERAIS

Ele foi publicado, a primeira vez, há uns dezenove anos pelo defunto Card. Ehrle no fascículo 6º do periódico «Stimmen der Zeit» sob o título «Natureza e caracteres da nova e velha Escolástica»; mas o trabalho não deve ter resultado — cremos nós — de plena satisfação para o seu Autor, pois ele, muito cedo, decidiu refazê-lo, proibindo, ao mesmo tempo, qualquer tradução e divulgação do seu escrito. Foi por isto que a edição, a qual o sobrenomeado Sr. Gerardo Bruni se encarregara de preparar para o público italiano, permaneceu interrompida e suspensa. Nem, talvez, a obrinha tivesse mais saído das gavetas do seu autor se o P. F. Pelster não tivesse ele próprio providenciado em reduzi-la a uma forma pela qual fosse consentida pelo Autor uma nova edição, que apareceu pelos prelos da Herder em Friburgo em 1933. Mas as modificações e adições introduzidas por Pelster no escrito primitivo de Ehrle são tais e tantas que se deve falar como de uma obra de todo nova. Nem Pelster esconde a reformulação feita sofrer ao escrito do seu Em.mo confrade. O que procurou conservar «cuidadosamente quanto me foi possível», ele diz, foi «o caráter geral da primeira edição, respeitando a sua concepção, as argumentações, a diretriz»[11].

Também o título da edição curada por Pelster foi sensivelmente mudado: «Die Scholastik und ihre Aufgaben in unserer Zeit». E no subtítulo diz-se também claramente a parte preponderante nela tida pelo mesmo Padre: «Zweite vermehrte Auflage besorgt von Franz Pelster S. I.». Ou seja: segunda edição revista e aumentada etc.

Se no espírito, portanto, e no escopo a obra não mudou, pela forma e pelas adições ela tem bem pouco mais a ver com o primeiro texto e a primeira edição de 1918.

Coisa que deveria ter tido bem presente e notado atentamente o Autor da longa recensão do opúsculo aparecida no «L'Osservatore Romano» de 5 de Junho p. p.

Mas ao P. Scaramuzzi, o autor daquela recensão, importava sobretudo justificar com o nome e a autoridade de Ehrle algumas ideias suas próprias e da escola a qual pertence, e por isso guardou-se bem de indicar aos leitores do «L'Osservatore Romano» as partes que no opúsculo são do defunto Cardeal e aquelas que pertencem, pelo contrário, ao seu editor.

Autor e editor, juntamente com o tradutor, não fazem, porém, senão perseguir uma ideia e aspiração comum, a de «poder sustentar livremente, em face de S. Tomás, algumas Teses suarezianas»[12].

---

11 Prefácio à 2ª edição, reproduzida na edição de Bruni, pág. 12. O qual, devido à transformação sofrida pelo trabalho, querendo publicá-lo, vê-se constrangido a fazer dele uma nova versão: «Quando, alguns meses antes de deixar esta vida, o Cardeal teve a complacência de me comunicar que removia todo impedimento à publicação da edição italiana, eu encontrei-me na necessidade, DADA A TRANSFORMAÇÃO SOFRIDA PELO TRABALHO, de refazer de novo a tradução etc.»

12 «Boccadoro» revista de Arte, Literatura e Polêmica: ano IV, N. 5 de maio de 1936, pág. 13-14.

Só que a liberdade, que Ehrle e Pelster invocam para a sua própria Escola, de pensar em alguns pontos, ainda que fundamentais, o oposto de Santo Tomás, poderia talvez ser negada, sem ofensa, a quantos agora aqui na Itália, na França, na Alemanha, exigem que a Igreja se decida, finalmente, a mitigar e corrigir a sua legislação em matéria de estudos, abandonando o exclusivismo no qual se fechou por Santo Tomás? Esta foi a verdadeira razão pela qual, saída a segunda edição alemã do opúsculo em 1933, Bruni meteu logo mãos a traduzi-la para o público neotomista ou neoescolástico italiano, tendo-lhe parecido que o livrinho em palavra abria verdadeiramente «o caminho para aquela "justa libertas" sem a qual seria loucura esperar na renovação do pensamento escolástico tão ansiada pelos Sumos Pontífices»[13].

Como se vê, toda a confiança e esperança do neoescolasticismo funda-se no fato de que um Em.mo Príncipe da Santa Igreja tenha feito suas as suas próprias vistas; donde o júbilo de que está cheia a recensão assinalada de Scaramuzzi. Mas, embora escrito por um Cardeal e corrigido e aumentado por um estudioso justamente considerado do movimento escolástico medieval como Pelster, não deverá ser lícito submeter o opúsculo «A Escolástica e as suas tarefas atuais» a um exame atento e desapaixonado com base nas autênticas e oficiais declarações e prescrições da Igreja? Que se demonstre que estas declarações ou não têm significado ou devem ser entendidas neste sentido único, ou seja, de que os princípios de Santo Tomás, que são os princípios eternos, imutáveis da razão humana, devem constituir o fundamento, não apenas da católica, mas de qualquer boa e sólida construção filosófica? O opúsculo «A Escolástica e as suas tarefas atuais» discute uma tese. Ora, não é o nome de um mestre que dá valor e pode fazer aceitar uma tese, mas somente a força e a evidência das razões que em sustentação dela se apresentam. Ora bem, os leitores julgarão se as razões invocadas pelo neoescolasticismo progressista são tais que devam fazer mudar de pensamento a Igreja e pelas quais a legislação eclesiástica, em matéria de estudos filosóficos e teológicos, deva ser ab-rogada, ou, quanto menos, alargada e corrigida de modo que a Santo Tomás seja, sim, deixado um lugar embora eminente, mas não o primeiro, e muito menos que ele seja o único mestre das escolas católicas.

III. EXISTE UMA FILOSOFIA CRISTÃ?

O problema foi discutido ampla e doutamente na segunda jornada tomista de Juvisy em setembro de 1933, e a conclusão geral foi que não se pode falar de uma filosofia especificamente cristã[14].

De fato, a filosofia define-se independentemente da Revelação: ela tem um objeto próprio, princípios próprios, método próprio, pelo qual é ciência e verdadeira ciência

13 «A Escolástica» etc., prefác. do Tradut., pág. 10.

14 V. «Journées d'études de la Société Thomiste» II, La philosophie chrétienne, Juvisy, 11 de Setembro de 1933 -- Bem cáustica foi a resposta dada pelo P. Mandonnet a Gilson, o qual sustentava que a filosofia, pelo influxo sofrido do cristianismo, se tornou cristã; «Certo que o cristianismo transformou o mundo, mas não transformou a filosofia».

em si e completa. Donde, assim como não se pode falar de uma Física ou Química cristã, assim também não se pode falar de uma Filosofia cristã.
O problema e a sua solução estão inclusos na definição mesma da filosofia. Que outra coisa é ela jamais senão o ato pelo qual a mente humana se move à busca da verdade certa et evidens per causas?
Ora bem, antes da verdade revelada, necessária ao homem para a sua elevação ao estado sobrenatural, está a verdade natural, à qual o homem pode certamente chegar sem necessidade de ajudas sobrenaturais.
Por isso Leão XIII na famosa Encíclica «Aeterni Patris» nunca fala de uma Filosofia cristã, mas de uma philosophia perennis, que é a filosofia a qual acompanhou e dirigiu o desenvolvimento do pensamento humano através dos séculos.
Pode-se e também se deve admitir que o Cristianismo veio acrescentar, com a Revelação, luz e certeza aos próprios princípios da razão: esta, porém, como demonstra Santo Tomás, Doutor insuperado da Fé e da Razão, permanece sempre independente e distinta da Revelação.
Não é, portanto, exato dizer que «a Revelação constitui... a norma externa da Filosofia»[15], porque «norma» significa regra, e, se no máximo se pode conceder que a Revelação seja uma guia negativa da Filosofia, ela nunca será uma guia positiva, como seria se a Revelação fosse a norma, a regra da Filosofia.
Nem é menos inexato afirmar que «a Revelação cristã se veio juntar (à razão humana) com a riqueza dos seus conhecimentos naturais e sobrenaturais»[16], porque tudo o que pertence à revelação é sobrenatural e enquanto tal objeto de fé.
Existem, é verdade, verdades naturais — por exemplo, a existência de Deus — que, graças à revelação, adquiriram certeza; não por isso, porém, tornaram-se verdades suprarracionais, assim como o elemento revelado nunca poderá dizer-se, de per si, natural sem que se engendre uma perigosíssima confusão entre ordem natural e ordem sobrenatural, entre razão e Fé.
Tudo o que é da ordem da razão é natural; aquilo que entra na Revelação é sobrenatural. E como a Filosofia é, como dissemos, a própria razão que se move em direção à verdade proporcionada às suas forças, por isso é de todo falso que «toda Filosofia sã e conforme à razão deve ser aristotélica e cristã»[17], nem sequer com o corretivo: «num certo sentido», empregado pelos nossos Autores para atenuar, evidentemente, o alcance da sua afirmação e torná-la aceitável ao leitor.
Uma coisa é que a reta razão e uma sã Filosofia não podem opor-se às verdades de ordem sobrenatural e de Fé, descendendo ela da mesma fonte e origem, Deus, de quem descende esta, e outra coisa é que, para ser verdadeira e sã, a Filosofia, cujo objeto são, como foi assinalado, as verdades de ordem natural, deva ser cristã.

15 A Escolástica e as suas tarefas atuais, pág. 20. (3) Negativa, enquanto, isto é, como explicando o seu pensamento dizia o Filósofo Maritain na lembrada jornada tomista, a revelação indica com segurança a trilha à Filosofia, mas não a transporta; ilumina-a, mas não lhe retira o exercício das suas faculdades naturais. Como se vê, estamos bem longe, nestas condições, do conceito de «norma», que diz muito mais.
16 A Escolástica etc., pág. 25.
17 Ibid.

O Autor[18] de «Escolástica e as suas tarefas atuais» reporta-se, neste ponto, às decisões do Concílio Vaticano; mas o chamamento é fora de lugar. Porque o Concílio Vaticano, na Constituição citada, afirmada a dupla ordem de verdade, à qual o homem por lume de razão e por lume de Fé pode chegar, declara somente a não oposição de uma à outra: «Etsi fides sit supra rationem, nulla tamen unquam inter fidem et rationem vera dissensio esse potest, cum idem Deus, qui mysteria revelat et fidem infundit, animo humano rationi lumen indiderit: Deus autem negare seipsum non possit nec verum vero unquam contradicere»[19].
Cremos que se tivesse sido tido presente este ensinamento do Concílio (ensinamento tirado a peso e quase à letra de Santo Tomás[20]), ninguém teria falado jamais de uma Filosofia cristã. Pois a distinção entre a Filosofia (ordem de verdades naturais) e Revelação (ordem de verdades suprarracionais ou sobrenaturais) não poderia vir expressa e afirmada em termos mais claros.

IV. FILOSOFIA CRISTÃ E FILOSOFIA ESCOLÁSTICA

Nem, para ser sã, ou seja, conforme à razão, e sobretudo cristã, a Filosofia necessita ser escolástica[21].

Escolástico não é sinônimo de cristão e Escolasticismo diz respeito a um método, como Peripatetismo, Academicismo etc.; e o método é simplesmente uma norma externa: a norma externa de tratamento ou desenvolvimento de uma dada ciência. Querer, portanto, estabelecer quase uma espécie de equação entre Filosofia cristã e Filosofia escolástica é um verdadeiro e próprio abuso de termos, ainda que seja verdade que, depois de Santo Tomás especialmente, o método escolástico se tenha demonstrado o mais apto ao ensino da Filosofia e da Teologia. Mas quem poderia proibir um autor de expor as suas próprias Teses filosóficas com um método diferente daquele usado pelo «Doutor Comum» e, em geral, pelos mestres das escolas da Idade Média? Escolástica, portanto, não significa uma doutrina, mas o método de tratar uma doutrina. Mas, então, por que esta identificação entre Filosofia cristã e Filosofia escolástica? Para ter mais fácil oportunidade de pôr Santo Tomás sobre uma mesma linha de direito, valor e autoridade com todos os outros filósofos escolásticos e negar-lhe qualquer preeminência no caso de um contraste entre as opiniões dele e as dos outros, não se podendo duvidar que a opinião dos mais não deva prevalecer sobre a de um só. Escolástico, e, sim, príncipe dos escolásticos é Santo Tomás; mas doutores escolásticos, para dar alguns nomes, são também Duns Scoto, Henrique de Gand, Godofredo das Fontes, Egídio Romano, Durando, Gregório de Rimini, Marston, Pedro Auréolo, Ricardo de Mediavilla, Guilherme de Auvergne e, em

18 Ou o tradutor? Pois poderia ser também o tradutor. Algumas notas são de fato, sem dúvida, de Bruni; outras de Pelster e outras de Ehrle. Teria sido bom que ao menos as do tradutor tivessem sido sempre distinguidas com a usual menção: Nota do tradutor.

19 Concílio Vatic., Sess. IIIª Const. «De Fide catholica» cap. IV., «De Fide et Ratione».

20 Cf. Contr. Gentes, I, cap. 5, 6, 7.

21 «Toda Filosofia sã e conforme à razão, deve, num certo sentido, ser aristotélica e cristã, vale dizer Escolástica» (pág. 25).

tempos mais próximos, Suarez, e a Filosofia escolástica deve considerar-se como a síntese dos esforços de todos estes mestres. Ora bem, não seria um imperdoável unilateralismo e péssimo exclusivismo se, postos de lado nomes tão famosos, quiséssemos restringir-nos unicamente ao Aquinate e impersonar apenas Nele toda a doutrina e Filosofia escolástica, rejeitando, como errôneas ou menos conformes à verdade, as opiniões sustentadas pelos outros em contraste com as dele? Para não cair em semelhante unilateralismo perigoso e injusto, é necessário, pois, distinguir entre uma Filosofia cristã escolástica geral e a Filosofia escolástico-tomista. Somente assim será dado a cada um o que é seu: «unicuique suum» — regra de justiça, que também nestas matérias deve ser observada —, e será ao mesmo tempo assegurada a «justa libertas», que de há muito tempo, mas inutilmente, se invoca. Se alguém não nos crer, é rogado a ler: "A este ponto será útil acenar a uma distinção, cujo desconhecimento gerou alguma confusão. Pode-se falar em duplo sentido dos «principia» ou «capita» de Santo Tomás e da sua Filosofia. Pode tratar-se dos «principia» ou «capita» da sua doutrina enquanto esta é expressão da Filosofia cristã e escolástica, mas pode também tratar-se dos «principia» ou «capita» da sua doutrina enquanto esta constitui um sistema estritamente fechado, que nitidamente se destaca de todos os outros sistemas formados no seio da Filosofia cristã. A doutrina, por exemplo, segundo a qual corpo e alma se conjugam um ao outro em união substancial ou, para dizê-lo com termo escolástico, que a alma é a forma substancial do corpo, pertence sem dúvida aos princípios de Santo Tomás entendidos da primeira maneira, e por isso se deve absolutamente professá-la. Que porém a alma seja a única forma do homem, que se una imediatamente à «matéria-prima» isto é verdadeiramente um ponto cardeal do sistema específico tomista, mas não é absolutamente um ponto cardeal da Filosofia cristã; aliás segundo a opinião de muitos teólogos[22] dos tempos antigos e modernos, a opinião contrária é conciliável muito mais facilmente com a doutrina cristã. Simelhantemente, é princípio fundamental da Filosofia cristã que o ser divino e o ser criado sejam diversos na sua mais íntima natureza. Que porém esta diversidade seja baseada no fato de que nas criaturas exista uma diferença real entre o seu ser e a sua existência, isto, segundo muitos tomistas[23], constitui um princípio do sistema particular de Santo Tomás, enquanto em vez disso outros o põem em dúvida. De todo modo, porém, não é um princípio da Filosofia escolástica, visto que segundo a opinião da maior parte dos escolásticos se pode igualmente e até melhor explicar a diferença essencial entre o Criador e a criatura sem introduzir tal distinção"[24].

Errávamos nós dizendo que a denominação _Filosofia cristã escolástica_» foi inventada para opor à Filosofia e aos princípios da Filosofia de Santo Tomás, *a maior parte*, como ouvimos dizer, dos escolásticos, ou seja, para sermos mais precisos, os adversários dele?

Noutras palavras, os autores do opúsculo «A escolástica e as suas tarefas atuais» parecem perguntar: «É porventura justo que, para aderir a Santo Tomás, nós nos

22 Teólogos... mal dito. Porque se trata de questão primariamente e essencialmente filosófica. A tese será retomada pela Teologia pela conexão com doutrinas teológicas; mas é tese, digamos, filosófica de per si e não teológica.

23 Quais?... Todos devia ter sido dito, porque não é verdadeiro tomista quem rejeita a distinção real da essência da existência nas criaturas, como será também melhor explicado a seguir.

24 V. «A Escolástica» etc. pág. 74 - 75.

destaquemos de todos os outros e condenemos a opinião dos mais para conservar a do Aquinate?».

Não sendo a opinião de Santo Tomás tão certa como alguns quereriam dar a crer, permita-se a qualquer um ter o que lhe agrada. Assim será salva aquela «_justa libertas_», que a Igreja ainda não se decidiu e reluta em conceder aos estudiosos pelo feticismo de um mestre, o qual será até grande, mas que não pode ter a pretensão de ter visto toda a verdade.

Eis o que significa na mente daquele neoescolasticismo progressista, de que no primeiro parágrafo deste livrinho ouvimos as ideias, a distinção entre Filosofia cristã e Filosofia tomista e «_cujo desconhecimento engendrou alguma confusão_», ou seja, levou a impor as opiniões pessoais de um autor como expressão genuína do pensamento de toda a Filosofia cristã e escolástica, contra a «justa liberdade», que aos estudiosos deve ser deixada.

E este é bem todo o significado do opúsculo «A Escolástica e as suas tarefas atuais», como observou «Boccadoro»: «No campo da Filosofia escolástica, na Itália e no estrangeiro, invoca-se cada vez mais insistentemente aquela «justa libertas» que, por exemplo, se encontra ilustrada numa recente publicação italiana, uma tradução de um importante escrito do saudoso Card. Ehrle S. J. Os mesmos conceitos encontramos propugnados numa revista escolástica na Iugoslávia[25].... Ehrle tem, além da enunciação geral de princípio, uma mira concreta, de poder sustentar livremente, em face de Santo Tomás, algumas Teses suarezianas.... E esta «justa libertas», invocada por pessoas como o Card. Ehrle, investidas das mais altas responsabilidades, não deve ser contestada aos neoescolásticos mais modernos, que têm a culpa de ser novos e modernos[26].

«Boccadoro» visa defender nestas últimas palavras, com a autoridade de Ehrle, um tal Professor Zamboni, exonerado, há um par de anos, pela Santa Sé do seu ensino na Universidade Católica de Milão; e esta tentativa de arrastar o defunto Cardeal num «caso» doutrinal já julgado pela Igreja, ou seja a tentativa de opor à autoridade da Igreja a do Autor de «Escolástica e as suas tarefas atuais», desagradará, sem dúvida, aos amigos e admiradores deste. Não é, porém, tanto o caso de lamentar-se ou escandalizar-se quanto de dizer «mea culpa». Porque são justamente eles os responsáveis, hoje, se o nome de um Príncipe da Igreja se tornará uma bandeira para aquela corrente progressista, que, camuflada de Neoescolasticismo, é doida por um sincronismo filosófico, que é o fim de toda certeza e o túmulo de toda verdade.

V. LOUVORES QUE ESCONDEM PUNHALADAS

A «justa libertas», invocada pelos nossos neoescolásticos, não é, pois, mais do que o biombo e a máscara por detrás da qual se esconde o desejo de acabar, de uma vez por todas, com Santo Tomás, e de forçar a Igreja a modificar uma legislação

25 Pela pena de um tal P. Felicic, franciscano docente no «Antonianum» de Roma, num artigo intitulado «O método do estudo da Filosofia — Interpretação do cânone 1366 do Código de D. C.». A revista em que apareceu o artigo é a «Franjevacki Vjesnik» num. 10 do ano 1935, pág. 289-373.

26 «Boccadoro», num. e l. c.

demasiadamente ainda ligada, em matéria de estudo, sobretudo em Filosofia, ao nome e à autoridade do Aquinate. Não é, fácil, porém, demolir um colosso, a quem servem de pedestal os séculos, nem passar por cima de um Doutor, a quem, com o sentido do reconhecimento mais vivo, a Igreja não se cansa de prestar testemunho.

É preciso, por isso, dar uma volta larga; não regatear os louvores, com o fim de fazer passar mais agilmente as críticas, que se seguirão, e o relevo dos defeitos notados ou que se julgou encontrar na obra imensa do «Doutor Angélico e Comum».

E assim também o opúsculo «A Escolástica e as suas tarefas atuais» iniciará o seu exame da Filosofia tomista com um louvor desmedido ao seu Autor, homem incomparável por profundidade de engenho, por clareza de pensamento, lucidez de expressão, potência de compreensão e no qual se realizam, de maneira maravilhosa, todas as qualidades do perfeito sábio. Mas «devemos todavia guardar-nos — acrescenta-se logo — de «uma superavaliação, a qual viria a diminuir o influxo benéfico»[27], que da obra do Aquinate, como já da de Agostinho, a Providência visava retirar.

"Nem Agostinho, nem Boaventura, ou Tomás ou qualquer outro mestre podiam evitar sempre o erro. A infalibilidade é um dote somente da Igreja de Cristo e do seu Chefe. Não devemos, portanto, sem mais, aceitar o saber científico deixado-nos pelos grandes mestres, mas devemos, de certo modo, reconquistá-lo com exame e trabalho sério e independente. Uma adoção puramente mnemônica da doutrina, sem submetê-la a novo exame, sem transformá-la e desenvolvê-la, levaria a uma decadência da vida espiritual....[28]. Um apego desta espécie à doutrina de Santo Tomás sobre a conceição de Maria fez com que a Ordem de São Domingos se opusesse por séculos à doutrina de Scoto, que então ia difundindo-se vitoriosamente[29].

---

27 Pág. 34.

28 Não temos aqui a acrimônia irritada que um outro jesuíta, o Padre de Tonquedec, empregava na direção dos Tomistas que não são capazes — dizia — senão de repetir papagaiescamente o seu «autor», mas a substância do pensamento é a mesma. Escrevia Tonquedec: «A escutar certos tomistas modernos cujo humor é cortante e o falar peremptório, doravante a Filosofia do Aquinate seria a aceitar em bloco, por submissão às direções da Autoridade pontifícia. Em virtude da sua própria natureza, a Filosofia é questão de razão e não de autoridade (como se a Igreja não tivesse o direito de ocupar-se também de matérias filosóficas!). NADA PODERIA SUBSTITUIR AQUI A CONVICÇÃO PESSOAL (a verdade deverá portanto ser respeitada como o erro?). E a raça dos tomistas, que recitam o seu autor como um catecismo, se assim se pode dizer, É UMA ESPÉCIE ODIOSA». Esta bela nota foi escrita na «Revue Thomiste» (ironia de nomes!!!) no fascíc. de maio-junho de 1930.

29 O eterno refrão! Santo Tomás não ensinou que a Mãe do Redentor foi Imaculada, ou seja, isenta do pecado original: que fato melhor que este prova que ele não pode e não deve ser considerado superior aos outros Doutores escolásticos? Como se a questão da Imaculada Conceição pudesse ser resolvida com argumentos de razão e como se o argumento de Scoto — argumento de pura conveniência —: «decuit, potuit, fecit», concluísse o fato, que só a Igreja, intérprete da Revelação, podia declarar como ocorrido! Não é aqui o lugar de discutir tal questão; mas quem conhece sequer um pouquinho só de Duns Scoto sabe também como é bem pouco — e por cima não isento de erro — aquilo que o «Sutil» ensina da Imaculada Conceição de Maria. Pelo contrário, note-se a parcialidade. Enquanto se procura de mil modos e sofismas diminuir a glória de Santo Tomás porque ele não ensinou a Imaculada Conceição, com manifesta injustiça pretende-se escusar todos os enormes disparates filosóficos e teológicos de Scoto, e chega-se a dizer que aquele que teve a «revelação» daquela verdade, é impossível que pudesse errar em alguma coisa na sua doutrina. Lembre-se disto. Se a Igreja, que única podia pronunciar-se, não tivesse definido o dogma, de todo impérvio à razão humana, da Imaculada Conceição, não obstante todos os argumentos de conveniência, que nem a Santo Tomás escaparam, invocados por Scoto, seria sempre lícito pensar o contrário. Sobre as razões depois que impeliram Santo Tomás e, com ele, São Boaventura, Santo Anselmo e também São Bernardo, a negar a Imaculada Conceição para não conceder à Virgem senão uma santificação particular, superior infinitamente à dos santos santificados antes de nascer, como o Batista, não há que fazer reparos. Tratava-se, para os Padres e Doutores nomeados, de salvar o privilégio de Cristo e a sua qualidade de Redentor universal, com base nas palavras de São Paulo que atestavam todos indistintamente terem nascido «sub maledicto», no pecado. E como para eles não havia texto na Escritura, fonte da Revelação, que acenasse a uma única exceção da lei universal

Estão nesta página condensados todos os lugares-comuns que serviram no passado e servem ainda agora de ponto de apoio aos antitomistas para combater, em nome da sua «justa libertas», o Aquinate. À parte, porém, a questão da Conceição da Virgem, que não vem ao caso, não é de modo algum verdade que a insistência sobre os axiomas aristotélicos e tomísticos tenha sido a causa pela qual foi perdido o contato entre a Escolástica e a ciência moderna. Oxalá se tivesse insistido, pelo contrário, nestes axiomas, e a mania da novidade e a questão de hábito [religioso] não tivessem prevalecido no século XIV com Duns Scoto e no XVI com Suarez, acima dos interesses da verdade, dividindo os ânimos dos estudiosos católicos em lutas estéreis, das quais deviam necessariamente tirar proveito os inimigos não menos da razão que da Fé. Os quais tantas e tantas vezes não fizeram mais do que desenvolver os princípios postos pelos adversários de Santo Tomás. Ockham, Wycliffe, Hus, Lutero, Descartes não estão porventura imbuídos dos princípios de Duns Scoto? Daquele Scoto, por culpa do qual «a Teologia devia tornar-se um campo de jogo da lógica[30]», e iniciar-se na demonstração das verdades da Fé aquele método racionalista, que devia vir a ser explorado mais tarde com tanto sucesso pela incredulidade.

VI. ONDE DEVEM SER BUSCADAS AS VERDADEIRAS CAUSAS DA DECADÊNCIA DA ESCOLÁSTICA

Santo Tomás, com uma fadiga de gigante, corrigindo os erros de uns e os exageros de outros, chegara a estabelecer a mais perfeita harmonia entre a Razão e a Fé, que em pacífica companhia poderiam ter caminhado em seguida para o seu pai comum, Deus; mas em vez de insistir no caminho aberto pelo Aquinate, Scoto pretendeu pôr em dúvida os princípios e as demonstrações do Santo Doutor, e assim foi lançada a primeira semente de divisão entre os membros da mesma família e os cultores e os filhos da mesma verdade. Coisa bem curiosa! Enquanto os nossos autores descrevem com objetiva exatidão os princípios que determinaram a decadência da Escolástica, guardam-se depois bem de dizer o nome daquele ao qual o antitomismo deve sobretudo o seu assentamento. Lemos: "Em Filosofia o realismo mitigado na teoria dos Universais que fora sobretudo aperfeiçoado por Tomás e por Henrique de Gand[31], e cujo exagero, levado a cabo por Scoto, acabara por provocar

afirmada pelo Apóstolo, daí a sua posição, que permanecia e permanece firme, repetimos, diante de todas as conveniências escotistas. Porque, não pelo fato de ser uma coisa conveniente ela se torna necessária, ou seja, deve ser, como diz o argumento de Scoto: «Decuit, potuit, fecit». Quantas coisas convenientes que Deus poderia fazer e não faz! Todos os possíveis entram nesta ordem. Daqui a blasfêmia daquele colaborador de uma certa revista, que não nomearemos, o qual ousou escrever: «Toda coisa que é convenientemente induz em Deus necessidade de ser feita», onde se nega a Deus a perfeitíssima sua liberdade de ação. Somente a Igreja, intérprete seguríssima da revelação, podia, repetimos, desatar a questão da Imaculada, e se o tivesse feito ao tempo do Aquinate, este teria sido o primeiro a cantar o «Tota pulchra».

30 Pág. 40.

31 É verdade: Henrique de Gand pertence ao número dos realistas mitigados, que Scoto criticará. Imensas, porém, são as diferenças que ocorrem entre Santo Tomás e o Gandavense sobre este ponto de doutrina; diferenças que emergem e se revelam da própria crítica do «Sutil». Nem aos nossos autores pode ser ignoto quanto o pensamento

uma reação, foi substituído pelo Conceitualismo, que nega toda existência do fundamento dos Universais nas coisas. "Uma crítica sutil e cética de todos os argumentos, que, para atingir o seu escopo, de bom grado faz uso da lei de economia de Aristóteles e por toda parte exige uma evidência quase matemática, consegue abalar todo o edifício da Filosofia natural, da Psicologia e da Teologia, erigido por Aristóteles e por Tomás. Teses como as da união entre o corpo e a alma, da imortalidade[32] e simplicidade da alma consideram-se indemonstráveis por meio da força da razão natural. Até as próprias demonstrações da existência de Deus não teriam força obrigatória. "No campo ético nota-se um voluntarismo segundo o qual o bem e o mal dependem somente da vontade de Deus. "Em Teologia surge viçosa uma especulação frequentemente puramente lógico-terminística. Prefere-se antes indagar o que Deus poderia ter feito, dada a sua potência absoluta, em vez de demonstrar a conexão íntima existente entre as obras da salvação e a doutrina revelada. A Teologia tornou-se um campo de jogo da Lógica[33]..."

Muitíssimo bem dito!!

Mas - perguntamos nós - todos estes erros, que deviam determinar o desvio e a decadência da Escolástica, após o áureo período da sistematização nela levada a cabo por Santo Tomás, de quem são? De quem tiveram o impulso máximo? Não porventura de Duns Scoto, em cujas obras estão em germe todos os erros das diversas escolas e tendências - compreendido o Suarezianismo - que pulularam depois dele e de um modo ou de outro puderam saudar nele o seu corifeu[34]?

De Scoto é a asserção de que a razão humana é incapaz de demonstrar a imortalidade da alma, e que esta verdade, que os próprios filósofos pagãos conheceram, não se pode ter senão por Fé; - de Scoto é a teoria de que o bem e o mal não dependem senão da vontade de Deus, o qual, querendo, poderia fazer com que o mal não fosse mais mal; e donde a outra opinião de que Deus não premia o bem porque nele vê alguma coisa que merece ser por Ele premiada, por ser imitação e participação do bem essencial que é Ele próprio, mas porque assim Lhe apraz; onde está inclusa a destruição do conceito de mérito e aberta a estrada a todas as blasfêmias de Lutero. De Scoto é a afirmação de que os argumentos de Santo Tomás

---

de Henrique de Gand é flutuante e obscuro a ponto de justificar, o mesmo que para Duns Scoto, as interpretações mais diversas e opostas.

32 Negada à razão humana a capacidade de conhecer a imortalidade da alma, fica destruído, como é evidente, todo conceito de moralidade e justificado, por um lado o suicídio e, por outro, o mais odioso egoísmo.

33 Pág. 39 - 40.

34 Vacant, Etudes comparées entre la Philosophie de St. Thomas et celle de Duns Scot; Seeberg, História dos Dogmas e a Teologia de J. Duns Scoto; Windelband, História da Filosofia, vol I, parte III, capítulo 3; Rougier, La Scolastique et le Thomisme, livro III, cap. 2. De notar como este filósofo, de todos o mais radicalmente anticatólico, insiste na distinção entre tomismo e escolasticismo, tal como os autores do nosso opúsculo. No que diz respeito à influência nefasta exercida por Scoto sobre a tendência racionalista que com ele, e mais depois dele, devia afirmar-se, baste uma citação somente: «Foram filhos muito devotos à Igreja aqueles que escavaram ainda mais fundo o abismo entre Filosofia e Teologia, a ponto de torná-lo transponível. E primeiro da fileira apresenta-se Duns Scoto, que ensinou a considerar e tratar a Teologia simplesmente como disciplina prática e a Filosofia como pura teoria. A relação entre as duas foi, pois, para ele e para os seus seguidores, já não a integração, mas a separação. A Teologia natural acabou miseravelmente entre as antíteses da Revelação e da ciência racional. O círculo dos mistérios da Teologia, inacessíveis ao conhecimento natural, alargou-se cada vez mais: a estes pertence, para Duns Scoto, também o da imortalidade da alma etc.» (Windelband, l. c.). Quanto, depois, à dependência do Suarezianismo do Escotismo, basta confrontar entre si as teses fundamentais de um e de outro sistema, e ainda quando Suarez se afasta de Scoto ou de Ockham, a quem também cede, permanece, porém, ele sempre um declarado e firme antitomista.

acerca da existência de Deus não concluem; e também o Modernismo moderno saberá valer-se das argumentações do «Sutil» para defender as suas posições agnóstico-pragmatísticas; de Scoto é a pretensão de querer e poder demonstrar tudo, e donde a sofística mais antipática e soberba capaz de degradar a de um Górgias ou de um Protágoras, que toma, nos seus escritos, o lugar do são e sólido raciocínio.

Scoto protesta, é verdade, contra o Conceitualismo; mas será justamente ele a dar a este o impulso, e Ockham, pai direto dos Nominalistas, não fará senão reagir contra o realismo exagerado do seu confrade, ficando, pelo contrário, no seu rasto em todas as matérias respeitantes à graça, ao mérito, à vontade de Deus, etc..

De Scoto igualmente é a teoria, feita sua, como tantas outras pelo Suarezianismo, de que essência e existência se identificam nas criaturas como em Deus, e a outra das «formalitates», que, multiplicando o ser no ser, acaba por destruir toda unidade substancial nos corpos, e transposta para Deus, conduz diretamente à negação da Trindade. É por esta teoria sobretudo que o Escotismo se manifesta sistema de contradição e forja de erro[35].

Porque em vez de deter-se sobre todas estas coisas os autores do nosso opúsculo quiseram ver, preferivelmente, na resistência oposta pela escola dominicana, herdeira direta da doutrina de Santo Tomás, uma causa daquela perda de contato, que eles lamentam, entre a Filosofia escolástica e a ciência moderna? Não só, mas creem encontrar nas próprias Ordenações dos Capítulos Gerais da Ordem Dominicana a prova de que os discípulos de Santo Tomás foram também eles responsáveis da decadência da Escolástica? Que também entre os Dominicanos alguém se deixasse arrastar pelo espírito de novidade, de curiosidade ligeira, de crítica excessivamente racionalista vinda à moda nos séculos XIV, XV e no XVI, não pode causar admiração; e que tenha havido também dos que, ao terreno solidíssimo de Santo Tomás, preferiram a vacuidade verbosa de outras escolas, é igualmente verdade[36].

Mas é também verdade que a Ordem Dominicana não deixou jamais de chamar uns e outros ao reto caminho, e os atos dos Capítulos Gerais a este respeito (que

35 Vacant. op. cit., 25-26: «Les distinctions formelles enferment, en germe, tous les systèmes contradictoires qu'on lui a attribués». E, note-se bem, não é esta a afirmação de um fanático tomista, mas de um crítico benévolo do Escotismo, que por vezes se esforça por ver entre o «Sutil» e o «Doutor comum» diferenças simplesmente verbais; se bem que, depois, a realidade o obrigue a reconhecer que não se trata de questões de simples palavras. Que dizer, por isso, dos Autores do nosso opúsculo, que asseveram ser a teoria de Scoto das «formalitates» mais apta que a doutrina do Aquinate para explicar a união da alma e do corpo?.....

36 Entre estes esteve aquele Catarino, cujas ideias escolásticas mereceram o panegírico do Padre Diomede Scaramuzzi O. M. (V. o opúsculo «As ideias escotistas de um grande teólogo do séc. XVI: Ambrogio Catarino», Vallecchi, Florença 1933); gostaríamos, porém, de saber do ardente franciscano apóstolo do Escotismo onde estão na realidade os excepcionais méritos de sabedoria do seu dileto Catarino para poder opô-lo, sozinho ou quase, a toda a escola dominicana do seu tempo. Enquanto o Catarino tem toda a ideia de um trânsfuga, que para justificar a si e aos outros a oposição movida ao Aquinate e o seu contraste com a disciplina da Ordem e com os seus confrades, tem necessidade de recorrer à inspiração divina, da qual — diz — se sente animado (Scaramuzzi, op. cit. pág. 2: «Ele sentia ter uma missão divina»!!!) e pela qual protesta que não se calará «a não ser que Deus lhe fechasse violentamente a boca» (ibid), onde o ridículo, que atinge a blasfêmia, mostra a presunção e soberba do homem «apegado talvez um pouco demais às suas opiniões, e que amava afastar-se das opiniões comuns, pelo que foi feito alvo de contínuas perseguições por parte dos adversários, que ele combatia (com ódio e mordacidade, como ele próprio confessou: «rudem et me mordacem vocant amici; itaque protestor ne mihi clauserit os quam violentissimum, qui solus potest, clamabo et forte etiam mordebor, si sagaci nari deprehendo bestiam»). «E ALGUMA SUA OBRINHA FOI POSTA NO INDEX» (Scaramuzzi pág. 4). Este último particular não deveria pôr um pouco de guarda?.... Mas aos Escotistas não importa; pois o que a eles lhes importa é demonstrar que de todos entre os filhos de S. Domingos — fosse embora um só — não pensaram em tudo como Santo Tomás; e este um deve valer contra todos.

quisemos ler nestes dias para nos inteirarmos das afirmações, além das citações, dos autores de «Escolástica e as suas tarefas atuais»), não são tanto diretos a curar um mal tornado comum, quanto a preveni-lo, evitando o perigo a que teria conduzido o abandono de Santo Tomás.

Por isso, o Papa Bento XV, na carta dirigida ao Geral dos Dominicanos, na ocasião do VII centenário da Ordem, entre os louvores desta podia colocar na mesmíssima primeira linha a fidelidade religiosamente observada e mantida ao Aquinate: "Atque huic Ordini laudi dandum est non tam quod Angelicum Doctorem aluerit quam quod numquam postea, ne latum quidem unguem, ab eius disciplina discesserit"[37].

Fidelidade que, segundo o pensamento e desejo da Igreja, todas as outras Ordens religiosas deveriam ter imitado, porque Santo Tomás não é o mestre de uma particular Família religiosa, mas o mestre universal, como diz o seu título de «Doutor comum» ou seja de todos na Igreja de Deus.

«Não pode, de fato, ser dúvida para nenhum católico — escrevia em outra circunstância o mesmo Pontífice — que Santo Tomás não tenha sido suscitado por Deus com este fim de que a Igreja tivesse nele um mestre a seguir em todos os tempos"[38].

Não! A Ordem Dominicana não só não foi responsável, de maneira alguma, pela decadência da Escolástica, antes, pelo oposto, lutou com os seus melhores homens, quais um Sutton, um Cano, um Paulo de Soncino, o Caetano, o Ferrariense, o Soto, o Vitória, etc. etc. pela conservação e ilustração da doutrina de S. Tomás, prestando, assim, serviço ímpar à causa da Filosofia e da Fé.

E se a Escolástica, após o áureo período do século XIII, definhou, alterou-se, decaiu, tornou-se, como justamente ouvimos dizer pelos Autores do nosso opúsculo «um campo aberto ao jogo da Lógica», vale dizer daquela sutileza vaidosa que se farta de palavras, mas não busca a verdade, isso foi, repetimo-lo, pela náusea e o abandono do Aquinate; abandono devido a diversas causas, entre as quais não por último deve ser colocada uma fatal inveja de hábito, ou seja a ambição de ter doutores particulares próprios, e o temor de diminuir-se pondo-se atrás da guia de um mestre de outra Ordem[39].

---

37 V. esta carta na «Acta Apost. Sedis» 1916, pág. 397.

38 s=Carta ao P. T. Pégues datada de 5 de Fevereiro de 1919 para congratular-se da nova tradução da «Suma Teológica».

39 A este espírito de ambição e de inveja, camuflado sob o nome de «espírito de corporação fortemente desenvolvido», acena veladamente também o nosso opúsculo (pág.50); este, porém, não vê nisso uma das causas da decadência da Escolástica pelas divisões funestas que ocasionou, tanto quanto, antes, um motivo de emulação entre as diversas escolas. Mas compreende-se! Trata-se de procurar defesas e razões ao Suarezianismo, nascido precisamente de uma destas fatais invejas e ambições, e por isso é mister inverter o significado dos termos e chamar emulação àquilo que não é outra coisa senão o efeito de um pequeno, muito pequeno, e mesquinho espírito particular de escola e de hábito. Ao aparecer Suarez e o seu sistema, entre os Padres da Companhia que mais amavam o prestígio da Ordem, houve um vivo alarme, e cartas prementes foram mandadas de Espanha a Roma para que ao inovador fosse imposto o silêncio e a Ordem não se afastasse, conforme às prescrições do seu Fundador, de Santo Tomás; (v. a Vida de Francisco Suarez escrita pelo P. de Scoraille, t. I, 213-217); mas não deviam ser ouvidas. Apesar de proclamar Santo Tomás Doutor próprio da Ordem, conformemente à Constituição de S. Inácio: «Nostri omnino S. Thomam ut proprium Doctorem habeantem eumque in Scolastica Theologia sequi teneantur», a quinta Congregação Geral da Companhia — 1593-1594 — acrescentava: «Non sic tamen S. Thomae adstricti esse debere intelligantur ut nulla in re ab eo recedere liceat». E foi esta a fenda pela qual devia passar o Suarezianismo então nascido; fenda que devia tornar-se uma porta, antes um portão, mal morto Clemente VIII, vigilantíssimo contra toda espécie de antitomismo. Aliás, segundo deixa entender o nosso opúsculo, aquela Congregação teria sido muito mais larga se no lugar de

VII. A ESCOLÁSTICA E AS SUAS TAREFAS ATUAIS

E vimos àquilo que deveria ter sido o ponto máximo, central do opúsculo; e que invés não é.

Como fará a Escolástica, e sobretudo a doutrina e a Filosofia de Santo Tomás, a adequar-se às necessidades e exigências do tempo, a fim de que seja retomado o contato, permanecido quebrado pelos exageros do Tomismo, entre o pensamento cristão e a ciência moderna?

Clemente VIII tivesse estado um Papa menos assaz: «Uma certa rigidez de expressão compreende-se — assim se diz à pág. 47, nota — pelas condições do tempo, nomeadamente também pela influência de Clemente VIII, que muito favorecia o Tomismo mais rigoroso». Não se devia, isto é, desgostar o Papa; mas ao mesmo tempo devia-se também dar razão àqueles que retinham a Constituição de Santo Inácio demasiadamente restrita, entre os quais se deve colocar na primeira linha o famoso Salmeron. Interpelado pelo P. Acquaviva, Geral da Companhia àquela época e incerto entre a corrente, digamos, progressista e a corrente rígida, ou seja nitidamente tomista, capitaneada por Ledesma, que se combatiam no Colégio Romano, o P. Salmeron respondia que não cria que conviesse à Sociedade ut certum aliquem doctorem tamquam ducem ela tomasse para si, não se encontrando um só que em alguma coisa minus probabiliter senserit quam alii, ut propterea nulla fiat ei iniuria si eius opinio deseratur e cujos livros devessem ser considerados inspirados quase como a Sagrada Escritura. E logo após estas premissas, vinha acenando a algumas opiniões nas quais, segundo ele, Santo Tomás não podia ser aceito. Uma destas opiniões — além da habitual questão da Imaculada — era aquela acerca das palavras da consagração do Sangue do Senhor; onde Salmeron caía num equívoco dos mais crassos, como sabe o mais humilde estudantezinho de Teologia que tenha percorrido o tratado De Eucharistia. Como quer que seja, qualquer Ledesma teria podido sempre opor a Salmeron a Constituição de Santo Inácio: «In theologia legetur Novum et Vetus Testamentum et doctrina scholastica Divi Thomae». Mas legere, responde sofisticando, tem porventura o significado de seguir? Ora Santo Inácio diz sim: «In Logica et Philosophia moralis et naturalis et metaphysica SEQUENDA est doctrina Aristotelis», mas falando dos estudos de Teologia diz: «Legetur»: ler não é seguir: logo em Teologia se poderão seguir opiniões também opostas às de Santo Tomás. A ninguém pode escapar a miséria deste raciocínio contrário de todo, como a práxis mantida até àquela época na Companhia demonstrava, à mente do Santo Fundador. Mas seja como for! Era preciso ter um Doutor Próprio para que a Companhia não parecesse inferior a nenhuma outra Ordem, e desde então foi determinado, com base na distinção que ouvimos, que nenhum Padre da Sociedade fosse obrigado a aceitar assim as doutrinas de Santo Tomás a ponto de não poder ter também de opostas, não em Teologia somente, mas em Filosofia e em Metafísica. E é de notar-se que era precisamente em Metafísica, muito mais que em Teologia, o ponto grave das divisões entre os Padres, que queriam restar fiéis a Santo Tomás, e os progressistas em busca de novidades. Donde não somente em Teologia, mas também em Filosofia (e todos sabem a importância suma que têm os princípios filosóficos também em matérias teológicas) a Constituição de Santo Inácio permaneceu letra morta, e triunfou Suarez com o seu ecletismo antipático e obscuro. Pouco a pouco foi imposto silêncio aos discípulos mais fiéis de Santo Tomás, e assim se julgou, como respondendo a Salmeron para lhe agradecer pelos seus pareceres escrevia o P. Acquaviva, ter alcançado «aquela uniformidade de pareceres e doutrina que a meu juízo buscam as Constituições não tendo querido obrigar todos a sentir o mesmo senão como elas dizem» (A Escolástica e as suas tarefas atuais, Apêndice n. 10 página 119), ou seja como Salmeron explicara contra o sentido mais óbvio do texto da Constituição de Santo Inácio, à qual a práxis da Companhia, com louvor de todos, como ao mesmo Acquaviva se escrevia da Espanha, se havia até então atido. Seja-nos lícito, à custa de alongar esta nota, referir aqui a parte principal desta carta do P. Deza: «Aquilo que respondi às perguntas feitas-me por V. P. em torno das doutrinas dos Nossos tinha uma importância superior às minhas previsões: percebo-o agora encontrando-me em Espanha e sobretudo neste Colégio (de Alcalá). «Logo que eu parti para Roma, ESPERAVA-SE APENAS VER AS MINHAS COSTAS PARA VIRAR AS COSTAS A SANTO TOMÁS. NA REALIDADE, AQUELES QUE ENSINAM AQUI AFASTARAM-SE DELE SEM RESPEITO PELA SUA AUTORIDADE. Com que olho diferente se olha hoje a Companhia!.... Outrora bastava dizer que uma opinião era ensinada pelos seus mestres para que fosse aceita sem mais como verdadeira. ISTO ACONTECIA PORQUE ENTÃO A SUA DOUTRINA ERA A DE UM SANTO, DE SANTO TOMÁS; DE UM SANTO QUE PERTENCIA A UMA OUTRA ORDEM RELIGIOSA, e por isso como fruto da santidade do Doutor e da humildade dos nossos professores ela devia necessariamente ser excelente. POR MINHA PARTE, EU NÃO VEJO OUTRO REMÉDIO EFICAZ AO MAL DE QUE SOFREMOS, pelo menos quanto à Espanha, SENÃO NO SUJEITARMO-NOS A SEGUIR EM TUDO A DOUTRINA DE SANTO TOMÁS» (cf. de Scoraille, Francesco Suarez, pág. 213). E ainda antes de Suarez desde o dia 3 de abril de 1573 (a carta há pouco citada é de 1582), o Visitador Diego Avellaneda: «V. P. recomendou-me de fazer desaparecer as opiniões NOVAS E AUDAZES, sobretudo no ensino da Teologia. Desde que me encontro nesta Província, constato eu próprio que há DEMASIADA LIBERDADE neste ponto. Mas, além disso, eis que de Salamanca o Reitor e os

Segundo os autores de «Escolástica e as suas tarefas atuais» aquilo que é mister é «conhecer mais a fundo o autor da "Suma" como a natureza do seu campo de trabalho, e de modo particular, devemos conhecer o estado em que se encontravam as disciplinas positivas e históricas, que em seguida sofrerão grandes transformações»[40].

Com base nestes dois cânones, os nossos autores pedem, antes de tudo, «uma biografia do grande mestre, conduzida criticamente sobre as fontes»[41], na qual «seja estabelecida, quanto é possível, a autenticidade dos seus escritos e a sua cronologia»; secundariamente o «conhecimento crítico das fontes de Santo Tomás», ou seja, «dos autores que tinha à disposição», que cita tantas vezes sem nomear, «e do modo com o qual utiliza o material tirado das obras deles»[42], ou seja um conhecimento crítico «da filosofia pré-tomista cristã do Ocidente»[43].

"Dizer que durante estes seis séculos, que já transcorreram desde a morte do Santo, o pensamento escolástico não tenha tido um ulterior desenvolvimento e aperfeiçoamento, ou que um progresso de valor positivo tenha sido alcançado apenas no seio da escola tomista, significaria desconhecer totalmente as leis do desenvolvimento e do devir humano"[44].

Perdoem-nos os egrégios escritores se lhes dizemos que, feito tudo isto e o restante que eles demandam, a questão permanece sempre no mesmo ponto.

Não se trata, de fato, de uma questão crítico-histórica, mas de uma questão de princípios, ou seja, não se trata de saber quais foram as fontes doutrinais empregadas por Santo Tomás, quais, com segurança, os livros por ele escritos etc., (coisas, por outro lado, bem sabidas); mas sim quer-se saber se a retoma do asseverado perdido contato da Filosofia escolástica com a ciência moderna pode acontecer com base nos princípios do «Doutor comum» ou não.

Aqui está o ponto!

Para os Escotistas, por exemplo, é certo que insistir na teoria tomista da unidade da forma substancial no homem é um pôr-se contra, nem mais nem menos, os dados

---

professores Ribera e Miguel Marcos me escrevem ser URGENTÍSSIMO pôr remédio e instigam-me a meter mãos à obra; sem o que, mesmo adquirindo um grande número de Bacharéis, nós PERMITIREMOS A INTRODUÇÃO DE MUITAS OPINIÕES SINGULARES E POUCO SÓLIDAS. Como aqueles de Salamanca me tinham escrito que Valladolid era o foco de irradiação destas opiniões exóticas, falei disso à pessoa que era o responsável deste estado de coisas, intimando-lhe a renunciar-lhes. Trata-se de Suarez» (op. cit.). Mas em vez de escutar os Padres, nos quais se refletia o pensamento genuíno do Santo Fundador da Companhia, o Geral Acquaviva devia seguir os conselhos de Salmeron, e Suarez, digamos, triunfava. A Sociedade teria podido, e mui facilmente, retomar a sua mais antiga tradição no momento da sua reconstituição, passada a borrasca da supressão de Clemente XIV; mas também então um amor mal-entendido à Ordem ofuscou o amor à verdade. Quando na Congregação geral de 1829 veio de novo sobre a mesa a questão dos estudos, não foram poucos os Padres que se pronunciaram pela reforma; venceu, porém, o partido daqueles que desejavam estar com Suarez e Molina; e assim a Congregação, com grande satisfação do novo Geral P. Roothaan, decidia: «conservar a Teologia escolástica qual havia SEMPRE (sic!) florescido na Companhia e que a ciência média e outras semelhantes questões, defendidas no passado pelos Teólogos jesuítas, não se deviam considerar como coisas obsoletas e ociosas» (cf. «Civiltà Cattolica» quad. 1898, 20 de julho de 1929. O P. Giov. Roothaan e os estudos sagrados na primeira metade do século XIX. E assim Suarez continuou a ser o verdadeiro doutor da Companhia, e continua a sê-lo não obstante os esforços em contrário de eleitíssimos engenhos, quais os dois modeneses irmãos Sordi, Taparelli, Curci, Liberatore, Cornoldi, Billot, Mattiussi, Mauri e tantos outros, que procuraram, mas inutilmente, nestes últimos tempos reatar o seu Instituto ao elo da grande tradição, restado interrompido, no modo que foi acima narrado, ao tempo do Geral P. Claudio Acquaviva.

40 Pág. 60.

41 Pág. 60 - 61.

42 Pág. 61.

43 Pág. 62.

44 Pág. 60 - 61.

mais seguros da moderna Biologia[45]; escavar um abismo cada vez mais profundo entre as ciências de observação e a doutrina da escola; um opor aos filósofos naturalistas um obstáculo insuperável para se acercarem da verdade e da Fé. Logo o Aquinate, a respeito de tal ponto — e importantíssimo — de doutrina, é absolutamente de pôr de parte.

Igualmente para os Escotistas é fora de dúvida que as doutrinas e explicações de Duns Scoto sobre a ideia de atividade[46], quer em Deus quer nas criaturas, sobre a natureza e capacidade do intelecto humano[47], sobre a existência da Metafísica e acerca do conhecimento de Deus[48], respondendo assaz melhor do que as tomistas às exigências do pensamento moderno e colmatando-lhe as lacunas[49], poderiam perfeitamente tornar-se «o ponto de partida do renascimento do pensamento filosófico católico»[50] e abrir a via a uma reivindicação e defesa mais segura e eficaz do Dogma também «se entendido, quanto às conclusões, à medida de Santo Tomás»[51].

Assim falam os escotistas e – é mister convir – este é um falar claro, que diz aquilo que se pensa e que se quer.

Os autores, invés, de «Escolástica e as suas tarefas atuais», vão mais acautelados: eles querem encontrar na história da Escolástica a justificação das suas asserções e do consequente repúdio dos princípios de Santo Tomás, ou, pelo menos, daqueles que não concordam com a sua particular filosofia, com o seu particular sistema.

Não seria possível – eles dizem – que o Aquinate tenha interpretado menos exatamente?... que, talvez, tenha quiçá abusado também de propósito deles?... De fato, os autores, de que se serve, ou aos quais atribui ideias e opiniões no seu sentido menos direto, não são nunca sempre citados com o seu nome e apelido, e é oportuno que se saiba como eles realmente pensaram: por isso "devem ser recolhidas com trabalho paciente e fatigante as citações; e, sobretudo, serem rastreados os passos que, tacitamente, tirou de outros autores"[52]. Quando este trabalho estiver cumprido, então, e apenas então, se poderá dizer qual é o pensamento exato de Santo Tomás e em que e em quanto ele se afastou dos outros mestres escolásticos e quais verdadeiramente

45 «La Théorie de la pluralité des formes défendue par les écoles franciscaines se trouve seule d'accord avec la Biologie... Les partisans de la théorie Thomiste ne doivent se faire illusions: JAMAIS les naturalistes ne consentiront à admettre l'unité de forme substantielle chez l'homme. S'obstiner dans cette voie est creuser un abîme de plus en plus profond entre les sciences d'observation et la doctrine de l'école» /Cf. Longpré, Psychologie moderne et Psychologie scotiste em «Etudes Franciscains» março - abril - maio e junho de 1932. Aquilo que sobretudo admira neste passo é o tom de segurança com que se fala, quando se sabe que todos os pretensos dados da Biologia não ultrapassam o valor de hipóteses, bem longe de explicar o profundo mistério que envolve a vida humana.

46 Longpré, La Philosophie de Duns Scot, 275.

47 Longpré, op. cit., 275.

48 Ibid. ibid.

49 P. Diomede Scaramuzzi, Il pensiero di Giovanni Duns Scoto nel mezzogiorno d'Italia, 7.

50 Carmelo Ottaviano, no seu periódico «Sophia» fascíc. I, janeiro - março de 1933, pág. 122. Aí se afirma também que é só por força «de uma sapientíssima POLÍTICA» que a Igreja continua a recomendar Santo Tomás na espera que os doutos lhe ponham na mão todos os argumentos oportunos para decidir oficialmente uma mudança de rumo.

51 Como é que o dogma católico possa continuar a ser entendido, quanto às conclusões, à medida de Santo Tomás admitindo, na explicação do mesmo, premissas diversas e opostas, é coisa que nós não conseguimos perceber, que ninguém, cremos, conseguirá perceber jamais, se verdade é que uma e idêntica é a ciência das premissas e a das conclusões, estando estas naquelas implicitamente contidas.

52 Pág. 61.

"são aqueles princípios, que Tomás, enquanto chefe dos escolásticos, tem em comum ao menos com os escolásticos eminentes, e são, por isso, os princípios da Filosofia cristã, que a nossa santa Fé pressupõe como condição preliminar e fundamento da ordem natural"[53].

Em suma, a tarefa da moderna Escolástica é sobretudo esta: de verificar, através de um exame crítico das obras dos escolásticos mais eminentes, a posição tomada, em face dos mesmos, por Santo Tomás, rejeitando como espúrio ou menos exato ou como estritamente pessoal aquilo em que ele com os outros não concorda.

Com um semelhante trabalho os autores de «Escolástica e as suas tarefas atuais» julgam-se seguros de conseguir harmonizar o «Doutor comum» com o «Doutor sutil», e, particularmente com o «Doutor exímio» ou seja Suarez, o seu próprio Doutor, e com quantos mais ou menos de um e do outro destes dois mestres hauriram até aos nossos dias.

Não é justo, com efeito, supor que, nos seis séculos passados de Santo Tomás a nós, o pensamento humano não tenha progredido e nenhum contributo ao movimento deste pensamento tenha sido trazido pelos filósofos da «escola científica» — Bacon, Descartes, Leibniz, Kant etc. — como lhes chama Semeria. Isto seria um «desconhecer as leis do desenvolvimento e do devir humano»[54]; pelo que, se em tempos se pôde pensar com e como Santo Tomás, agora deve ser lícito pensar quiçá o contrário, aliás é um dever pensar o contrário, desde que a Filosofia seja uma coisa viva e não morta e ela «se liberte do espírito geral da época em que se vive»[55]. E donde é — e eis a conclusão a que sempre se retorna — que se entre os velhos escolásticos há daqueles que melhor do que o Aquinate concordam, nos seus princípios, com os princípios da ciência e Filosofia moderna, a estes deve ser dada a preferência, porque nestes, e não em Santo Tomás, se há de procurar o filão áureo que conjuga a Filosofia moderna à antiga, àquela «Filosofia perene» que, partida do próprio berço do gênero humano, chegou, grau a grau, até nós.

Os leitores, talvez, não crerão que, perante as afirmações de «Escolástica e as suas tarefas atuais» nós nos esfregássemos os olhos pela dúvida de que um acidente nos tivesse feito ler mal: tal e tanta foi a nossa maravilha que homens, como os autores do nosso opúsculo, pudessem deixar-se aceder assim a fazer próprio, de modo tão aberto, o pensamento do modernismo filosófico e teológico mais audaz e perigoso[56] e quase como se nos princípios de Santo Tomás se tratasse de simples opiniões e de hipóteses suscetíveis de evoluções e mutações e já não dos princípios inamovíveis e eternos do próprio pensamento humano, dos quais afastando-se é necessidade desviar-se da estrada do reto e são raciocínio filosófico.

«Quae in Philosophia sancti Thomae sunt capita, non ea haberi debent in opinionum genere, de quibus in utramque partem disputare licet, sed velut fundamenta, in quibus omnis naturalium divinarumque rerum scientia consistit; quibus submotis aut quo modo depravatis, illud etiam necessario consequitur ut

53 Pág. 76.
54 Pág. 60-61.
55 V. supra, parág. I, pág. 4 onde está citado por inteiro o passo de que são estas palavras.
56 Vide quanto a propósito da doutrina da assim dita «imanência vital», de onde para o Modernismo toda a lei do progresso e do devir humano quer em Filosofia quer em Teologia, ensina a Encíclica «Pascendi».

sacrarum disciplinarum alumni ne ipsam quidem percipiant significationem verborum, quibus revelata divinitus dogmata ab Ecclesiae magisterio proponuntur»[57].

Pensamos que, somente por um involuntário, se bem que certamente inexplicável e deplorável esquecimento desta solene afirmação e declaração da Igreja, os autores de «Escolástica e as suas tarefas atuais» puderam aceitar as posições do Modernismo filosófico copiando-lhes à letra, como ouvimos, a formulação feita dela por um dos seus maiores representantes, o Semeria.

Os princípios filosófico-teológicos de Santo Tomás de Aquino são princípios, dos quais não se discute, não é lícito discutir: eles estão na base da ciência filosófica e teológica como os fundamentos estão na base de uma casa: tocá-los quer dizer privar-se, desde o princípio, de qualquer luz segura diretiva, expor-se inevitavelmente ao erro: logo — e eis a verdadeira conclusão — se a escolástica hodierna quer ter e exercer ainda uma função, ela deve esforçar-se não somente por ilustrar, mas por defender, contra todas as negações da ciência, aqueles mesmos princípios, segura de defender, ao mesmo tempo, o verdadeiro progresso do pensamento humano.

Aqueles que creem estudar Santo Tomás lendo antes «Kant, Bergson, Blondel, e depois Aristóteles, e depois os Padres, e depois Avicena, Averróis, e depois, quiçá, à ocorrência, Pedro Lombardo, Alexandre de Hales e por último, finalmente, os escritos do Aquinate, a fim de ESCLARECER-SE — assim se diz — à luz da filosofia moderna sobre o pensamento do "Doutor comum" e de saber discernir tudo o que ele tirou dos seus predecessores daquilo que aí acrescentou ele mesmo no curso progressivo e evolutivo do seu pensamento»[58], riem-se de Santo Tomás porque o julgam «como um mestre a julgar-se primeiro e depois somente a seguir-se»[59], ou seja a seguir-se no quanto e como e até onde se crerá oportuno e conveniente, e quiçá em nada, se assim agradasse e se devesse julgar.

Não! não é com este método, inventado de propósito para reduzir a nada a doutrina e autoridade do Aquinate, e ao qual aderem também os autores do nosso opúsculo, que Santo Tomás deve ser estudado.

Mesmo não querendo falar de partido tomado, de inveja de hábito ou de Modernismo, isso revela a falta de inteligência naqueles que o seguem. Porque só por defeito de inteligência, ou seja de conhecimento do Tomismo, se pode crer que este contradiz à ciência, segundo o que num discurso dirigido aos Universitários Católicos em 1927, com palavras e frases dignas do argumento, afirmava o Sumo Pontífice Pio XI g. r.: "A dificuldade da tomística (note-se bem: o Papa não diz: da doutrina escolástica, mas sim da doutrina de Santo Tomás; fala, isto é, não de uma Filosofia escolástica geral, mas daquela particular do Aquinate, a qual somente a Igreja fez sua «quam suam Ecclesia edicit esse») está naquela especialização que é necessária para compreendê-la com exatidão e poder falar dela com competência. A dificuldade cresce quando se pensa que nem sequer toda a vida de um homem bastaria para adquirir plena competência num e noutro campo, e, portanto, sucede que aqueles que conhecem a ciência sabem muito pouco ou nada do que é a doutrina tomística no seu conjunto ou nas suas linhas fundamentais. Por outro lado sucede também que aqueles

57 Pio X, motu proprio «Doctoris Angelici».
58 J. Maritain; «St. Thomas d'Aquin», conferência.
59 Ibid.

que muito bem conhecem as doutrinas tomísticas e todo aquele tesouro de antigas tradições, às quais tantas gerações hauriram, não se entendem muito de ciência moderna. Mas pode-se, em vez disso, afirmar com toda a segurança, que quando se encontram inteligências eleitas e que hajam tido modo de ver nas duas direções, então o respeito impõe-se de uma e de outra parte: então vê-se que entre elas não há contradição, que há, antes, a possibilidade de aplicar as grandes leis do Tomismo às novas leis e verdades científicas que o estudo do universo vem cada vez mais largamente revelando. Assim, por exemplo, é um verdadeiro gáudio de espírito, e de espírito moderníssimo, aquele que se prova se se puser frente a frente a grande doutrina tomista da composição de matéria e de forma com as revelações atuais sobre a íntima composição dos corpos[60]. Na Tomística está, por assim dizer, com efeito, um certo «Evangelho» natural, um fundamento incomparavelmente sólido para todas as construções científicas (veja-se como Pio XI atinge aqui a afirmação pouco acima referida do seu glorioso predecessor Pio X), pois a característica do Tomismo é a de ser objetivo. As suas não são construções ou elevações do espírito simplesmente abstratas, mas são as construções do espírito que seguem o convite real das coisas[61]. É método de Santo Tomás ver aquilo que é, aquilo que se vê, aquilo que se verifica, aquilo que se capta na sua individualidade, e dali remontar àquilo que não se vê e não se capta. Portanto, nunca virá a menos o valor da doutrina tomística, porque, para chegar a isto seria preciso que viesse a menos o valor das coisas".

Está nestas palavras do Sumo Pontífice, com o louvor mais alto que fazer-se pudesse da doutrina do Aquinate, comparada, na ordem natural, pela sua estabilidade e certeza, àquilo que é, na ordem sobrenatural, o Santo Evangelho, indicado também o verdadeiro método com o qual a mesma deve ser estudada.

Tanto mais ela será compreendida quanto maior for nos seus cultores o conhecimento da ciência, e, portanto, também as investigações crítico-histórico-científicas, demandadas pelos autores de «Escolástica e as suas tarefas atuais» poderão servir e servirão para aprofundar e ilustrar ainda melhor o pensamento filosófico tomista, no qual está «a ressonância dos ensinamentos melhores dos antigos filósofos e da tradição dos mais célebres Padres e Doutores da Igreja»[62]; como, porém, entre as conclusões averiguadas da Ciência — da verdadeira ciência, não daquela que se contenta de hipóteses, mas que perscruta a realidade das coisas — e os princípios da verdadeira e sã Filosofia, isto é dizer da Filosofia e doutrina tomista, não pode dar-se colisão — e os fatos o demonstraram, porque, em caso contrário «seria preciso que viesse a menos o valor das coisas» — por isto nenhuma

60 É propriamente destes dias um belo escrito de Michele Fatta, já benemérito por assaz outros trabalhos e autor de um ótimo curso de «Cosmologia», sobre «A "qualidade" no pensamento tomista e a Física moderna» (vide «Osservatore Romano» 16 de outubro), onde se demonstra a perfeita correspondência dos princípios do Aquinate com os dados mais seguros adquiridos pela ciência; correspondência, que teria sido desejo do ilustre P. Guido Mattiussi S. J. de demonstrar num volume a que havia já posto mãos e que a esta hora já teria sido publicado se a morte não tivesse vindo a quebrar a vida do doutíssimo Filósofo e, não menos que Filósofo, profundíssimo físico e matemático.

61 O mesmo, só com diversas palavras, Leão XIII na «Aeterni Patris»: «O Angélico Doutor especulou as conclusões filosóficas nas íntimas razões das coisas e nos princípios universalíssimos, que no seu seio encerram os germes de verdades infinitas...».

62 Pio X no motu proprio «Doctoris Angelici».

conclusão dita científica é de admitir-se que contraste com estes princípios, mas todas são de passar-se pelo crivo deles.

O Papa tem ainda o cuidado e dá-se o pensamento de prevenir a acusação de abstratismo e intelectualismo, que de diversas partes, e também por estudiosos católicos, hoje se move a Santo Tomás.

Dir-se-ia que Ele tivesse presentes as críticas miseráveis ao intelectualismo do Aquinate feitas por Bruyne[63] e pelo jesuíta Rousselot[64] — para não falar de outros — e à simplicidade do sistema do «Doutor comum», quase como se esta simplicidade não constituísse o privilégio máximo, único do mesmo, que de todos o distingue e no qual reside todo o seu valor e toda a sua força[65].

Em suma, é preciso compreendê-lo Santo Tomás; compreendido que se tenha, através de um estudo diligente e profundo, o espírito enche-se do gáudio da verdade, que brota de cada seu artigo, de cada sua palavra, do mesmo modo que a pupila goza da luz.

Não há, portanto, que falar de mudanças ou de abandonos nos princípios e nas doutrinas do Aquinate, e todo aquele que entende e quer concorrer, com o seu trabalho, ao relevamento do pensamento filosófico moderno, não tem senão que insistir nuns e noutras, convidando os errantes ao banquete de verdade, que nas obras do «Doutor Angélico e Comum» o Deus bendito quis aprestar aos homens, e particularmente se diria, aos homens do nosso tempo, gastos e atormentados por uma «crise de verdade» qual nunca foi dado ver nos séculos da história.

Talvez — e sem talvez — a palavra de um Filósofo, Maritain, fará entender muito melhor que a nossa pobríssima esta verdade e a consequente necessidade, para a nossa sociedade, para o nosso tempo, daquele retorno puro e simples a Santo Tomás de Aquino, que os inimigos da verdade a todo o custo não querem e que os tépidos e medrosos amigos dela, como são certos católicos[66], tolamente paventam:

---

63 E Bruyne op. cit.: «L'intellectualisme de St. Thomas, dont les tendances dépassent les réalisations, est une des causes de l'imperfection de son oeuvre» (Pág. 89). «Santo Tomás não considera, pode-se dizer, senão o lado racional da humana atividade: ele acumula ideias abstratas, as ordena sapientemente, gozando do edifício que constrói. Ele não deseja absolutamente nada mais: il ne désire absolument rien de plus». (ibid 90).

64 P Rousselot, S. J. «L'intellectualisme de St. Thomas»: «Il est assez rare que St. Thomas s'arrête à doser la certitude de ses assertions» (pág. 152).

65 «Para toda nova questão, outros devem procurar o início da resposta examinando como coisa não pensada antes, aquela que ora é proposta. Não assim o Angélico, que numa ideia soberana tem o fundamento em que estabelecer o edifício especulativo do ente; e por certo de pouquíssimos princípios se vale para proceder a qualquer conclusão. Entende ele aqueles princípios com universalidade analógica, não unívoca (é o princípio fundamental que distingue Santo Tomás de Scoto e de Suarez); por isso o inexperto discípulo restará talvez aterrado esperando que reste imutado e fixo o sentido dos termos mais comuns. Mas resta fixo com diversas proporções aos diversos gêneros, e quem segue Santo Tomás deve saber aplicar a cada um os mesmos princípios, analógicos e não unívocos, como análoga é a razão de ente, que não permanece uma nas diversas coisas, mas tudo compreende confusamente e depois a cada uma reaplica segundo o modo próprio dela» (P. Mattiussi, «San Tommaso d'Aquino» Conf. no VIº Centenário etc.). Esta conferência, verdadeiro testamento espiritual de Mattiussi, passou inobservada à assim dita grande imprensa e às maiores revistas católicas. E todavia ela foi o mais belo louvor, de quantos na Itália e no estrangeiro no VI centenário de Santo Tomás foram recitados em honra do Aquinate e do seu sistema. Mas compreende-se! O P. Mattiussi era demasiado tomista para poder recolher os aplausos daqueles que agora se apropriaram o monopólio do Tomismo. A verdade tem, porém, os seus dias, e ela sabe elegantemente vingar-se, quando menos se pensa, de quem não a quer reconhecer.

66 Bruni na obra já citada «Reflexões sobre a Escolástica» à página 88 escreve que o irrequieto e ainda incerto (menos mal!) pensamento neoescolástico não pode buscar a sua salvação e a razão do seu porvir num retorno puro e simples à doutrina tomística: «Este retorno, que constitui talvez a secreta esperança de quem aconselhou a extensão das famosas XXIV teses, NÃO ESTÁ CERTAMENTE NO PROGRAMA DOS NEOESCOLÁSTICOS». Por isso se percebe como à pág. 93 ele afirme que a renovação da Filosofia do futuro terá o seu fulcro nos sistemas

"O espírito corre hoje perigos tão extremos que nenhum paliativo lhe pode mais bastar. Sobre inteligências lavradas até ao fundo pelas controvérsias modernas e cujas exigências críticas cresceram do mesmo modo, muitos acomodamentos, que haviam podido surtir efeito noutrora, são doravante sem eficácia. "Para não falar senão de Filosofia, isto é sobretudo sensível quando se chega a certas questões primeiras, como a da distinção entre a essência e a existência, ou da natureza da intelecção, ou do valor da intuição do sentido externo, ou da relação de preeminência entre a inteligência e a vontade. "O trabalho das forças negativas vai hoje tão adiante, que para triunfar dele, uma doutrina implacavelmente rigorosa é requerida e ao mesmo tempo tão ampla que possa fazer jus a todas as diversidades onde, por falta de luz ordenadora, se esgota o pensamento contemporâneo. Acontece assim que o que é adaptado às nossas necessidades é precisamente o absolutismo da verdade; que o que é oportunamente «prático», é o radicalismo doutrinal; mas um radicalismo puro de toda a estreiteza e de toda a brutalidade, de toda a parcialidade, de todo o fanatismo, e, para isso, suspenso apenas ao único Absoluto verdadeiro, à transcendência da Verdade primeira, de onde todas as coisas procedem no ser. Mil doutrinas podem fazer piorar o estado da inteligência; não há senão uma que a possa curar: o Tomismo apenas pode satisfazer no sentido do verdadeiro, as aspirações do tempo presente"[67].

Por isso não se exagera quando se diz que Santo Tomás não escreveu só para curar os males que atormentavam a humana inteligência no seu século, mas também para curar os males do nosso tempo: «pour nôtre temps».

Pois «son temps à lui c'est le temps de l'esprit, qui domine les siècles»[68]. Por isso ele é autor contemporâneo, aliás «le plus actuel du tous les penseurs»[69]. E mesmo se acontecesse que todo o vestimento exterior da sua doutrina, tirado da ciência do seu século, caísse, «sa doctrine philosophique et métaphysique demeure aussi intègre que l'âme une fois separée du corps»[70].

Santo Tomás foi posto por Deus no cruzamento das nossas estradas: "Il tient la clef des problèmes qui oppriment notre cœur; il nous apprend à triompher à la fois de l'anti-intellectualisme et du rationalisme, du mal qui déprime la raison au dessous du réel et du mal qui l'exalte au-dessus; il nous donne le secret du véritable humanisme, du suprême développement de la personne humaine et des vertus intellectuelles, mais dans la sainteté, non dans la concupiscence, par l'esprit et par la croix, non par les grandeurs de la chair. A une époque profondément travaillée par le désir, trop souvent divagant et répandue sur les choses d'en bas, d'un règne de cœur et d'une vie d'amour, il enseigne la seule doctrine qui affirme le primat pratique absolu de la charité dans notre vie, et qui nous invite au festin du véritable amour, je dis de la charité surnaturelle, sans pourtant renier l'intelligence et sa supériorité métaphysique, ni adultérer la charité elle-même en la contaminant de Pragmatisme, d'humanitarisme ou de sensibilité animale"[71].

---

antiescolásticos da especulação moderna. A este descaramento não chegam, decerto, os autores do nosso opúsculo pelo mesmo Bruni traduzido para o público estudioso de Itália; não é dúvida, porém, que com as suas premissas se pode proceder a idênticas conclusões.

67 Cf. Maritain, conf. cit.

68 Ibid.

69 Ibid.

70 Ibid.

71 Cf. Maritain, conf. cit.

Propomos estas considerações do filósofo Maritain à meditação do P. Longpré, de Ricci, de Ottaviano, de Bruni, de Bruyne, de Pensa, e também dos autores de «Escolástica e as suas tarefas atuais», a fim de que queiram conter-se diversamente acerca da sua pretensa inatualidade de Santo Tomás, e não confundam mais com uma ciência de falso nome, como lhe chamaria o Apóstolo, qual é a pretensa ciência moderna, rica somente de hipóteses e de contradições, a doutrina do Aquinate, expressão magnífica e sublime da verdade que não muda.

VIII. SANTO TOMÁS NAS PRESCRIÇÕES DOS PONTÍFICES LEÃO XIII, PIO X, BENTO XV E PIO XI

O último capítulo do opúsculo, que viemos examinando, e de todos certamente o mais importante, traz no seu título: «O estudo da Escolástica e as prescrições dos últimos Papas». Título inexato ou, pelo menos, incompleto, porque, se reflete a mente dos autores do nosso opúsculo, obstinados em opor a escolástica, ou seja a filosofia dos diversos mestres escolásticos à filosofia de Santo Tomás, não reflete em nada a intenção que guiou os Pontífices Leão XIII, Pio X, Bento XV de fel. mem. e, com eles, o Papa gloriosamente reinante nas prescrições que se querem examinar. Estas prescrições não dizem respeito, de fato, à doutrina filosófica de um ou de outro autor escolástico, mas exclusivamente à doutrina de Santo Tomás, que, nos seus princípios fundamentais, elas impõem aos estudiosos. É em Santo Tomás, de fato, que a Escolástica tocou o seu cume e chegou à sua perfeição, e é bem o Aquinate aquele o qual a ciência filosófica e teológica «et perspicuitate ingenii et facilitate atque arte explicandi.... munitam et sartam tectam nobis reddidit»[72], de modo que, doravante, filosofia escolástica e filosofia tomista, na linguagem da Igreja, são o mesmo.

Coisa admitida, de resto, também pelos próprios autores do nosso opúsculo, quando escrevem que a Igreja, tendo provado «com uma experiência de seis séculos»[73] a bondade da doutrina do Aquinate, sobretudo daquela exposta na «Suma Teológica»[74], «podia bem arriscar prescrevê-lo de modo de todo particular às suas escolas e aos seus estudantes e de exigir-lhe a exposição»[75].

---

72 P. Salmeron na epístola já citada (v. pág. 25 nota) ao P. Acquaviva.

73 Pág. 72.

74 Porém também na «Suma» se encontra «algum ponto doutrinal» (pág. 72), em que Santo Tomás não teria saído «vitorioso» nas suas demonstrações «contra o agostinianismo, o estoicismo e o nominalismo» (Ibid). Teria sido muito oportuno que os nossos autores tivessem indicado quais são estes pontos, nos quais o «Doutor Angélico e comum» restou insuficiente ou menos exato em face dos nomeados sistemas, porque certo modo de afirmar por eles usado cheira demasiado a superficialidade e trai um facilitismo do qual deve guardar-se, se não quer tornar-se suspeito e ridículo, quem faz crítica, como se faz no opúsculo «A Escolástica e as suas tarefas atuais». Dir-se-ia de fato que os nossos autores querem ser acreditados sob palavra. Não é um pouco demais?....

75 Magnífico este «arriscar»!..... Portanto a Igreja «após uma experiência de seis séculos» não estaria ainda plenamente segura de conseguir abater, com a doutrina de Santo Tomás, todos os erros contrários à sua verdade. Arriscar, de fato, diz-se quando permanece uma dúvida de não conseguir. Porque «risco» significa perigo e «arriscar» quer dizer «expor-se a um perigo». Pelo oposto, a Igreja, apoiando-se em Santo Tomás, sabia perfeitamente não se expor a ficar confundida, mas de ter já a partida ganha na grande luta pelo triunfo da verdade. A fim de que se veja como, segundo a frase dos franceses, «tout se tient» na guerra mais ou menos aberta ou mais ou menos surda, que agora se move ao Tomismo, apraz-nos observar como as palavras aqui acima sublinhadas retornam quase à letra sob a pena de um outro escritor da Companhia, o P. de Tonquedec: "L'Eglise, toujours lente en ses allures, après une expérience de plusieurs siècles, reconnaît solennellement la philosophie thomiste comme

A exposição somente? Parece invés que a Igreja tenha prescrito e prescreva alguma coisa a mais: prescreveu e prescreve que os princípios de Santo Tomás sejam as normas a seguir-se e os critérios à luz e com base nos quais devem ser examinados e julgados os sistemas de todos os filósofos: «Philosophia scholastica tradatur.... ad methodum et principia Sancti Thomae. Ex hac autem doctrina diversa philosophorum systemata examinentur et dijudicentur»[76]. E esta intenção e prescrição de Pio XI g. r. é a expressão genuína esquematizada, no artigo de uma solene Constituição, do pensamento dos seus antecessores, Bento XV, Pio X e Leão XIII. — Vejamo-lo.

O Papa que primeiro **concretizou as normas gerais estabelecidas por Leão XIII na Encíclica *Aeterni Patris***, acerca do estudo e do ensino de São Tomás, foi **Pio X, de santa memória**.

Mente aberta à especulação filosófica muito mais do que comumente se crê e formado inteiramente na escola do Aquinate, Pio X, pelo mesmo programa proposto ao seu Pontificado: « instaurare omnia in Christo », não podia não se ocupar também da restauração dos estudos filosóficos e teológicos iniciada pelo seu glorioso Predecessor, trazendo a esta obra, como em todo o resto, o senso prático, do qual em altíssimo grau ele era dotado.

Em dois grandes documentos, sobretudo (à parte o que a respeito da Filosofia e Teologia de Santo Tomás é dito na Encíclica « Pascendi »), Pio X expõe o seu pensamento e a sua vontade acerca da ordem dos estudos e da obrigação de seguir neles o Aquinate: no Motu proprio « Sacrorum Antistitum » de 1 de setembro de 1910, e no outro, ainda mais famoso, « Doctoris Angelici » de 29 de junho de 1914.

Este não é, aliás, senão uma declaração provocada pelos sofismas com que alguns procuravam esquivar-se às ordens do Pontífice e iludir as suas intenções.

Coisa que deve ser bem tida em mente para compreender a ligação que une os dois grandes documentos, o alcance das prescrições neles emanadas e para poder julgar retamente a mente e as intenções do Pontífice.

Tendo dito o Papa no Motu Proprio « Sacrorum Antistitum »: “Ad studia quod attinet, volumus probeque mandammus ut philosophia scolastica studiorum sacrorum fundamentum ponatur.... Quod rei caput est, philosophiam scolasticam, QUAM SEQUENDAM PRESCRIBIMUS, EAM PRAECIPUE intelligimus, quae a

---

un système rationnel qui cadre admirablement, exceptionnellement, avec ses dogmes, comme une méthode pour les exprimer, dont l'orthodoxie n'a rien à craindre. Elle fait sienne cette philosophie, elle veut que, chez elle, saint Thomas soit le «Docteur commun», le «Guide» — par excellence — des études. CEPENDANT, il ne faut rien exagérer...." (de Tonquedec, Faut-il revenir au «thomisme» em «La Renaissance religieuse» pág. 145. — O mesmo trecho foi reportado por Tonquedec no Apêndice 1ª do seu volume «La critique de la connaissance» pág. 457) ... Cependant, isto não obstante, e os nossos autores, após terem também eles recitado os louvores de Santo Tomás, como ouvimos acima: «Devemos guardar-nos» etc. (V. cap. V, pág. 16).

76 Pio XI na Constit. Apost. «Deus scientiarum Dominus» art 29. «Tradere» não significa simplesmente «expor», mas «ensinar» ou seja «entregar» — que é o primeiro e próprio significado do verbo «tradere» — por meio de um ensino uma dada doutrina. Um mestre pode muito bem expor na escola doutrinas e teorias, que quiçá depois refutará; e antes a exposição das diversas opiniões, favoráveis ou contrárias, esteve sempre no método dos grandes escolásticos, e particularmente de Santo Tomás. Feita a exposição das diversas opiniões, convergentes sobre um dado ponto de doutrina, o mestre expunha a própria, que depois também defendia contra as adversárias. Ora Santo Tomás não é um autor que a Igreja quer que se exponha apenas, mas que se siga; vale dizer os princípios e as doutrinas do Aquinate, feitas primeiro próprias pelo mestre, devem ser feitas próprias, por meio do ensino, também pelos discípulos. Se a escola devesse reduzir-se, como por alguns agora se pensa, a uma pura e simples exposição de teorias e opiniões, cair-se-ia num ecletismo quão sobremaneira perigoso e anticientífico. É, por infelicidade, este o método no ensino público da Filosofia, mas não pode, não deve ser e não será nunca o método da Igreja, da escola verdadeiramente católica.

S.Thomae Aquinate est tradita etc.,,, alguns, ansiosos por colocar à frente os seus próprios Doutores particulares, acreditaram encontrar uma justificação para a sua ideia naquele « PRAECIPUE » usado pelo Pontífice ao prescrever a filosofia de Santo Tomás.

Precipuamente, de facto, não é o mesmo que exclusivamente: logo — disse-se — o Papa não proíbe que, ao lado dos princípios de Santo Tomás, se mantenham e se ensinem também outros, mesmo que não concordantes com aqueles.

Pio X não permitiu, porém, que o sofisma ganhasse terreno, e eis o Motu Proprio « Doctoris Angelici » a rechaçar os tristes tentativas de discórdia, em torno das quais se afadigavam os inimigos do Aquinate.

Recordado o trecho referido do « Sacrorum Antistitum », Pio X continua: “Iam vero, cum dictum hoc loco a Nobis esset “ PRAECIPUE Aquinatis SEQUENDAM philosophiam, NON “ UNICE, nonnulli sibi persuaserunt Nostrae sese ossequi aut “ certe non refragari voluntati si quae unus aliquis ex Doctoribus scolasticis in philosophia tradidisset, QUAMVIS PRINCIPIIS SANCTI THOMAE REPUGNANTIA, illa haberent “ promiscua ad sequendum.

“ At eos multum animus fefellit. Planum est cum praecipuum nostris scolàsticae philosophiae ducem darermus “ Thomam, Nos de eius principiis maxime hoc intelligi voluisse, “ quibus, tanquam fundamentis, ipsa nititur. Ut enim illa “ rejicienda est veterum opinio, nihil interesse ad Fidei “ veritatem quid quisque de rebus creatis sentiat, dummodo “ de Deo recte sentiatur, siquidem error de natura rerum “ falsam Dei cognitionem parit, ITA SANCTE INVIOLATEQUE “ SERVANDA SUNT POSITA AB AQUINATE PRINCIPIA “ PHILOSOPHIAE, QUIBUS ET TALIS RERUM CREATARUM “ SCIENTIA COMPARATUR, quae cum Fide aptissime con- “ gruat, ET OMNES OMNIUM AETATUM ERRORES REFUTANTUR etc. ,,.

“ Ceterum, his Sancti Thomae principiis, si generatim “ atque universim de iis loquamur, non alia continentur quam “ quae nobilissimi philosophorum ac Principes Doctorum Ecclesiae meditando et argumentando invenerant de propriis “ cognitionis humanae rationibus, de Dei natura rerumque “ caeterarum, de ordine morali et ultimo vitae fine assequendo.

“ Tam praeclaram autem sapientiae copiam, quam hic “ a maioribus acceptam sua propere angelici faciulte ingen- “ nii perpolivit et auxist et ad sacram doctrinam in mentibus “ humanis praeparandam, illustrandam tuendamqne adhibuit, “ nec sana ratio vult negligi nec Religio patitur ulla ex parte “ minui.... Nam, quae in philosophia Sancti Thomae sunt “ capita, non ea haberi debent in opinionnm genere, de qui- “ bus in utramque partem disputare licet, sed velut fundamen- “ in quibus omnis naturalium divinarumque rerum scientia “ consistit; quibus submotis aut quoquo modo depravatis, illud “ etiam necessario consequitur ut sacrarum disciplinarum “ alunni ne ipsa quidem percipiant significationem verborum, “ quibus revelata divinitus dogmata ab Ecclesiae magisterio “ proponuntur. “ Itaque, omnes qui Philosophiae et Theologiae tradendae “ dant operam illud admonitos iam voluimus, si ullum vestigium, praesertim in metaphysicis, ab Aquinate discederent, “ non sine magno detrimento fore. “ Nunc vero, hoc praeterea edicimus non modo non sequi “ Thomam, sed longissime a Sancto Dottore aberrare eos qui “ quae in ipsius philosophia principia et pronuntiata maiora “ sunt, illa perverse interpretentur aut

prorsus contemnant. “ Quod si alicuius Doctoris vel Sancti dottrina a Nobis “ Nostrisve Decessoribus unquam comprobata est singularibus “ cum laudibus atque ita etiam ut ad laudes suasio iussioque “ adderetur eius vulgandae et defendendae, FACILE INTELLIGITUR EATENUS COMPROBATĀ QUAM PRINCIPIIS “ AQUINATIS COHAERERET AUT HIS HAUDQUAQUAM REPUGNARET. Haec declareare et praecipere Apostolici officii “ duximus, ut in re maximi momenti quotquot sunt ex utroque claro, saeculari et regulari, mentem voluntatemque “ Nostram et penitus perspectam habeant et ea, quaee par est, “ alacritate diligentiaque, efficant etc.,,,, É possível, perguntamos, lida esta página, permanecer em dúvida sobre o pensamento e as intenções do Pontífice e sobre o alcance dos seus mandamentos? Santo Tomás deve ser, para os estudiosos católicos, particularmente para os alunos do clero, tanto secular como regular, não o primeiro ou precípuo, mas sim O ÚNICO mestre em Filosofia e Teologia. Indo, de facto, nós das coisas a Deus, sem um reto conhecimento da natureza inferior, nunca poderemos chegar ao conhecimento da sua Causa. E, por isso, o que o Doutor Angélico, no qual se encontra o eco dos ensinamentos dos maiores filósofos e dos maiores entre os Padres da Igreja, ensina sobre a verdadeira natureza das coisas, do conhecimento humano e do seu objeto, e sobre a natureza de Deus — onde estão enucleadas as XXIV Teses filosóficas, das quais se falará em breve — NÃO DEVE SER CONSIDERADO COMO UMA OPINIÃO MAIS OU MENOS PROVÁVEL SOBRE A QUAL POSSA SER LÍCITO DISPUTAR, MAS TEM O VALOR DE UM AXIOMA, E DEVE SER CONSIDERADO COMO UM VERDADEIRO E INAMOVÍVEL FUNDAMENTO, abalado o qual, toda a ciência filosófica e teológica decai e se arruína. Daí que, à luz das mencionadas doutrinas de Santo Tomás, princípio e fundamento de toda a Filosofia e Teologia escolástica, devam ser examinadas as doutrinas de todos os Santos e Filósofos, mesmo daqueles louvados pelo seu saber pelos Romanos Pontífices, aceitando apenas aquelas que convergem com os princípios de Santo Tomás e rejeitando as outras. E aqui temos a resposta antecipada àqueles que teriam apelado, e ainda apelam, com base em alguma aprovação de Constituições[77] ou de

77 Ignorando a explícita e formal reserva pronunciada por Pio X, o apelo às Constituições da própria Ordem, aprovadas pela Igreja, retorna continuamente sob a pena dos modernos defensores de Duns Escoto, mas, é claro!, também este caso se enquadra na reserva geral do « Doctoris Angelici ». Quem, de resto, considera atentamente o texto das Constituições da Ordem Franciscana, vê logo como ele é redigido segundo o espírito e a mente que nós defendemos, da Igreja, ou seja, concorda perfeitamente com todas as prescrições emanadas em matéria de estudo. A Igreja permite aos Franciscanos «inhaerere in doctrinis philosophicis et theologicis scholae franciscanae», mas porventura ela pretende identificar a «escola franciscana» com Duns Escoto?... Eis o que ninguém jamais nos fará entender. Porque antes de Escoto, no pensamento da Igreja, há um outro, queremos dizer São Boaventura, dado por Sisto V aos Franciscanos como o seu próprio doutor, e só pelo respeito que a Igreja tem pelo Seráfico, não quis impor taxativamente que o mestre a seguir fosse exclusivamente Santo Tomás. Devem, porém, os Franciscanos, em obediência à lei geral da Igreja, ter em altíssima estima o «Doutor comum» e patrono de todas as escolas católicas e conformar-se com as suas doutrinas quando as dos outros contrastarem com as do Aquinate: « coeteros scolasticos, Angelicum praesertim doctorem rivum Thomam, catholicarum scholarum patronum, magni faciant ». Palavras que fazem lembrar aquelas outras dirigidas por Leão XIII numa famosa carta ao Geral dos Franciscanos: «Que o nome de Tomás seja piamente venerado por todos os filhos do beato Francisco e GUARDEM-SE ELES ATENTAMENTE DE NÃO SEGUIR TÃO GRANDE GUIA, DE QUEM JESUS CRISTO MESMO ATESTOU QUE BEM TINHA ESCRITO SOBRE ELE (13 de Dezembro de 1885) ». Por sua vez, os Jesuítas, que não podem apelar às Constituições da Ordem, porque estas prescrevem taxativamente, como vimos — pág. 25-26, nota —, seguir Santo Tomás, insistem naqueles que eles chamam de «os exímios doutores da Companhia, louvados pelo seu saber na Igreja». Gostaríamos de saber, porém, onde se encontra uma única aprovação dada pela Igreja à doutrina daquele que é o próprio doutor da Companhia de Jesus, o Suárez.
É verdade: a Companhia conta hoje entre os seus Santos também dois Doutores: o Canísio e o Belarmino.

cartas pontifícias privadas, que não têm valor contra os documentos públicos, oficiais e gerais da Igreja, ao prestígio dos seus particulares mestres para se eximirem da obrigação de seguir Santo Tomás.

A Igreja não proíbe que se siga este ou aquele doutor: proíbe apenas que se sigam naqueles pontos de doutrina nos quais não concordam com o «Doutor Comum». Nestes pontos, por maior que seja no restante a sua autoridade, nenhum autor faz texto, mas este deve ser corrigido, se possível, ad mentem divi Thomae. Como, por isso, apesar de tanta clareza, se possa continuar a discutir sobre o valor, o alcance e as intenções do « Doctoris Angelici » é, de facto, um mistério. Mistério de obstinação e de incompreensão, assim como toca o excesso da tendenciosidade a exegese dos autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais» a outro ponto do famosíssimo motu proprio, sempre com o objetivo de distinguir a filosofia escolástica geral da filosofia do Aquinate. Eles escrevem: "Muita atenção deve ser dada também às palavras «Planum est, cum praecipuum nostris scolasticae philosophiae ducem daremus Thomam, Nos de eius principiis maxime intelligi voluisse, quibus, quamquam fundamentis, ipsa nititur» Aqui «ipsa» não se refere à filosofia de Santo Tomás, mas à filosofia escolástica. Aos princípios de Santo Tomás, sobre os quais se funda a filosofia escolástica, dever-se-á, portanto, ater. Mas ninguém, porém, quererá sustentar que filosofia escolástica e filosofia tomística em sentido estrito exprimem dois conceitos idênticos „.[78]. Com a devida vênia dos claríssimos autores, é exatamente o contrário do que eles dizem, e causa grande admiração que não tenham conseguido ver a identidade que, pelo Pontífice, contrariamente à sua opinião, é pregada e afirmada, entre filosofia tomística e filosofia escolástica, precisamente

---

Quanto ao Canísio, nada há a dizer: ele é sempre, nas suas célebres catequeses e nas suas disputas com os Protestantes, um fiel discípulo de Santo Tomás e um representante da primeira tradição escolástica da Companhia.

O Belarmino, ao contrário, que veio mais tarde, quando o Suarezianismo já se tinha imposto na Ordem, afasta-se em diversos pontos do Aquinate. O seu mérito e a sua importância não são, porém, tanto como filósofo, mas como controversista na grande batalha, também ele, contra o Protestantismo.

Querer-se-á dizer que, tendo sido canonizado e declarado doutor da Igreja, por isso não poderão ser criticadas as opiniões que ele apresenta em contraste com as do «Doutor Angélico e comum»?... Alguém, por exemplo, procurou recentemente apoiar-se na autoridade de Belarmino, santo e doutor da Igreja, para defender a errada doutrina de Duns Escoto sobre a transubstanciação eucarística (Longpré La Philosophie de Duns Scot, pág. 188); mas é claro que é um esforço inútil, porque, dada a definição da Igreja de que o prodígio Eucarístico ocorre pela conversão total da substância do pão e do vinho no Corpo e no Sangue do Senhor, qualquer outra explicação que não salve a conversão de toda a substância em toda a substância, incluindo a opinião de Belarmino, não se sustenta e deve ser repudiada. Ora, da mesma forma, segundo a mente dos Romanos Pontífices, particularmente o Belarmino de Pio X de s. m., devem ser rejeitadas as outras teorias, nas quais o Belarmino se afasta de Santo Tomás, sem faltar à estima que lhe é devida e ao respeito pela inserção do seu nome entre os dos Doutores da Igreja.

Injustamente, portanto, entre os Jesuítas se apela «aos doutores exímios da Companhia, cujo louvor está na Igreja — eximiis Societatis doctoribus eorum laus est in Ecclesia» para justificar e defender a liberdade de opinar, numa e noutra matéria, contra a sentença e os princípios de Santo Tomás, e isto tanto mais quanto estes «exímios doutores» se reduzem, na realidade, a um só, o Suárez, de quem já se falou.

«Se hoje se estudasse o eclético Suárez — diz uma nota do nosso opúsculo — com o mesmo zelo com que é sem arco desprezado e com o qual a sua filosofia é mal julgada sem a conhecer mais de perto» (pág. 66)!

Todos iguais os adversários de Santo Tomás!.... Para eles, os críticos de Escoto e de Suárez não sabem nem nunca entenderam um nada das filosofias destes autores: falam ao acaso, raciocinam por preconceito, quando não são ignorantes que deveriam ser mandados de volta à escola. Ainda bem, porém, que as mais taxativas acusações de «ecletismo» feitas nos nossos dias a Suárez vieram precisamente do seio da Companhia.

Falando do esforço empreendido por alguns para harmonizar os princípios de Aquino com os das diversas filosofias modernas, incluindo a de Suárez, o Pe. de Tonquédec escreve: "Não se pode declarar uma diferença importante entre a filosofia de Suárez, o **Ouvrement éclectique de Suárez** e a de Santo Tomás." (de Tonquédec, *Thomistes et Thonistes*, na «Revue fédéraliste», junho de 1923.)

78 Pág. 75.

naquele ipsa, sobre o qual fundam a sua distinção. De facto, se os princípios daquela filosofia escolástica, que a Igreja, pelo órgão dos seus Pontífices, fez sua e quer que seja ensinada nas suas escolas, são os mesmos que constituem o fundamento da filosofia de Santo Tomás, é claro que uma filosofia da outra não se distingue e que dizer «princípios da filosofia escolástica e princípios da filosofia Tomística» é a mesma coisa. Se o raciocínio não estiver correto, pedimos que sejamos corrigidos. Se não fosse, de resto, como nós entendemos, seria preciso dizer que a Igreja se contradiz, afirmando e negando ao mesmo tempo a mesma coisa. Demos um exemplo, que é também o trazido pelos autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais». É certamente - diz-se - «ponto cardeal do sistema específico-tomístico que a alma seja a única forma do homem, que se une imediatamente à matéria»[79]: logo, ele, segundo a mente do Papa, que afirma este ponto e esta doutrina, deve ser tido como verdadeiro. Mas, continua-se, ele «não é de todo um ponto cardeal da filosofia cristã»[80]: logo, pode ser rejeitado. A dupla conclusão contrária poderia ser válida se a Igreja reconhecesse uma filosofia escolástica, distinta da filosofia tomística, atribuindo a uma e à outra igual valor ou probabilidade; mas a Igreja, ao invés, da filosofia escolástica e da tomística não faz senão uma coisa só: logo, a primeira conclusão será verdadeira e a segunda falsa, não podendo a Igreja, sem cair e fazer cair as mentes dos seus filhos num ecletismo miserável, afirmar o sim e o não a respeito do mesmo princípio ou ponto de doutrina e conceder igual grau de probabilidade, certeza e verdade a uma posição e à sua contrária ao mesmo tempo. Repita-se mais uma vez, porque é bom e conveniente que seja repetido: os princípios da filosofia de Santo Tomás são os princípios sobre os quais se funda e se baseia a mesma - IPSA - filosofia escolástica, e esta filosofia escolástico-tomística é bem aquela que, segundo a solene declaração de Bento XV « SUAM Ecclesia edixit esse », a filosofia que Leão XIII na « Aeterni Patris » recomendava aos Bispos que inculcassem, restaurassem e propagassem por toda a parte e com todo o esforço « ad catholicae Fidei tutelam et decus, ad societatis bonum, ad scientiarum omnium incrementum ».

E não se venha dizer que isto é um exclusivismo, que soa «a um desprezo absoluto por todos os outros mestres escolásticos, como São Boaventura, Santo Alberto Magno, e por todos aqueles Papas que renderam a estes Santos tão alto louvor»[81].

Ainda bem que ao lado do Seráfico e de Santo Alberto Magno os autores do opúsculo não puseram também Duns Escoto e Suárez!

Cremos, porém, que, como a verdadeira santidade nunca é invejosa, mas se alegra com a glória e o prestígio alheios para a honra de Deus, que daí provém e à qual unicamente ela visa, nem São Boaventura, nem Santo Alberto hesitariam em render a Tomás a homenagem do seu próprio reconhecimento da sua superioridade. Aliás, pelo menos por parte de Santo Alberto Magno, este reconhecimento aconteceu.

Tendo Santo Alberto Magno regressado a Colónia vindo de Paris, para onde em 1277, vencendo os incómodos da sua gravíssima idade, se tinha deslocado para

79 Pág. 74.
80 Ibid.
81 Pág. 76.

defender a doutrina do seu dileto discípulo Tomás, morto há três anos, das calúnias dos adversários, e tendo mandado ler, pela última vez, boa parte das obras dele, como que para se persuadir de que não se tinha enganado no seu juízo, proferiu uma frase que demonstra toda a sua profunda admiração pelo Aquinate, frase que deveria ser recordada por aqueles que agora acham insuficiente o «Doutor comum» face às pretensões da chamada ciência moderna: "Ter Tomás encerrado para sempre, com os seus escritos, toda a discussão e, depois dele, ser quase supérfluo qualquer outro trabalho: " voluit dictus frater Albertus (é o companheiro do Santo Doutor que narra o facto, irmão Hugo) post ipsum reditum fare sibi perlegi omnia scripta dicti fratris Thomae per certum ordinem; et facta per eum congregatione solenni, extulit de ipso fratre Thoma commendationes eximias, gloriosas et excelsas, et in fine conclusit quod idem frater Thomas in scripturis suis posuit finem omnibus laborantibus usque ad finem saeculi, et quod omnes deinceps rustra laborarent ,.

E Boaventura, o grande Santo louvado por Tomás em vida[82], não se teria, certamente, expressado de forma diferente se, não impedido pela morte, tivesse sido testemunha da luta indigna desencadeada contra o seu grandíssimo amigo e colega. Não há, pois, que ter medo de faltar ao respeito aos santos Doutores Alberto e Boaventura, nem a outros, preferindo a todos e exaltando acima de todos Santo Tomás. Se este medo não o teve a Igreja, que há seis séculos não se cansa de exaltar com sumos louvores a doutrina do Aquinate, a ponto de afirmar serem tantos os milagres por ele operados quantos os artigos por ele escritos: «quot articuli, tot miracula», por que deveríamos tê-lo nós?.... Inclinemos antes a cabeça perante o seu juízo e não creiamos ter mais sabedoria que a Igreja, contra cuja autoridade acaba por se dirigir a crítica obstinada e rancorosa que agora se faz ao «Doutor comum».

IX. AS XXIV TESES FILOSÓFICAS, EXPRESSÃO GENUÍNA DO PENSAMENTO TOMISTA E FUNDAMENTO DA SÃ E VERDADEIRA FILOSOFIA

Não tinha passado ainda um mês desde a publicação do «Motu proprio» «Doctoris Angelici» quando outro importantíssimo documento era emanado, com a aprovação do Santo Padre Pio X, pela Sagrada Congregação dos Estudos; documento destinado a dar a conhecer em concreto quais eram e quais são os princípios fundamentais da filosofia tomista, dos quais a ninguém pode ser lícito afastar-se sem perigo de se desviar da verdade, e aos quais de maneira ainda demasiado genérica, talvez, no citado «Motu proprio» se tinha aludido, de modo a remover toda a tergiversação e subterfúgio aos adversários. Queremos falar das tão discutidas e combatidas XXIV Teses, compiladas pelo célebre P. Guido Mattiussi da Companhia de Jesus. Quem escreve estas páginas, tendo gozado, ainda que sem mérito, da amizade mais íntima daquele santo Religioso e nobilíssimo engenho, e tendo estado também ao seu lado naqueles dias, poderia narrar, se quisesse, muitas coisas tanto

82 V. legenda "santi Bonaventurae," no Breviário Romano, 14 de julho.

sobre a compilação das XXIV Teses, como sobre a pleníssima aprovação que lhes foi dada por Pio X. O tradutor de «A Escolástica e as suas tarefas atuais», apelando para a relação que teve de um colóquio do P. Ehrle, ainda não Cardeal, com Pio X, em julho de 1914, tenta fazer crer que a publicação das XXIV Teses e, particularmente, a sua obrigatoriedade, encontrou o Papa bastante hesitante. Está o Bruni realmente seguro disto? Porque nós, que estivemos próximos, como dissemos, naqueles dias do P. Mattiussi, poderíamos narrar algo de contrário; poderíamos dizer, isto é, a vivíssima complacência sentida por Pio X ao ver tão admiravelmente concretizado o pensamento do seu Motu proprio «Doctoris Angelici» naquelas XXIV Teses. Tanto quanto sabemos, ninguém pediu ao pontífice um decreto que obrigasse em consciência a seguir as XXIV Teses: foi pedida a aprovação, e esta foi dada de todo o coração e com júbilo. Esta é a verdade: tudo o resto não passa de conversas sobre as quais é bom não insistir. Porque a mente e a obra dos Papas não devem ser julgadas senão pelos seus atos públicos e oficiais. Pio X, dizemos nós, não só aprovou as XXIV Teses, mas agradeceu ao Mattiussi que as tinha compilado e a todos os que tiveram parte no trabalho, aconselhando-o e promovendo-o, a começar pelo Eminentíssimo Cardeal Lorenzelli, de quem partira a ideia. E é certo que, se não correspondesse ao pensamento mais íntimo do Papa, este não teria permitido que fosse, com a sua aprovação, pela S. Congregação competente, publicado e divulgado ao mundo[83].

As XXIV Teses, com a carta declaratória da S. Congregação dos Estudos, foram publicadas em 27 de julho de 1914, e o desânimo no campo anti-tomista foi tão grande quanto foi grande o conforto sentido pelos sinceros discípulos do Aquinate.

Entretanto, Pio X, dilacerado na alma pela dor e pelo pavor do cataclismo que se adensava sobre o mundo, morria (20 de Agosto de 1914) e a luta, não cessada, mas apenas adormecida, contra Santo Tomás, recomeçou mais acirrada do que nunca.

---

83 Distinguindo, com uma casuística verdadeiramente não muito subtil, entre o Papa e a S. Congregação dos Estudos, ou, melhor, o representante do Papa na direção da S. Congregação dos Estudos, alguém chegou a dizer que Pio X não pretendeu aprovar as XXIV Teses, submetidas ao seu juízo e à sua augusta e suprema aprovação, mas sim o juízo e a aprovação dados às mesmas pelo E.mo Cardeal Lorenzelli, então Prefeito daquele dicastério eclesiástico. «Tal documento põe-nos diante dos olhos uma série de teses submetidas ao exame da S. Congregação dos estudos E DAS QUAIS O E.MO CARDEAL LORENZELLI EXPRESSOU O SEU JUÍZO, respondendo por mandato de Sua Santidade etc. (V. «Civiltà Cattol., quad. 1548, 19 de dezembro de 1914, pág. 706»).
O autor destas linhas esquecia:
1 — Que as XXIV Teses foram submetidas ao juízo e à aprovação do Pontífice pela S. Congregação dos Estudos, depois de por esta terem sido examinadas e estudadas: «Haec sacra Congregatio, supradictis thesibus rite examinatis etc.», e não em nome próprio do Cardeal Lorenzelli: a diferença, como se vê, não é pequena nem pouca;
2 — Que mesmo sem solicitar a aprovação do Santo Padre, a Congregação dos Estudos, órgão oficial do Governo da Igreja, poderia ter imposto às escolas (seminários e universidades) dela dependentes as XXIV Teses como normas a serem seguidas;
3 — Que, ao dar a sua aprovação ao ato da S. Congregação dos Estudos — S. Pio X revestia o mesmo de toda a sua suprema e apostólica autoridade. O que é precisamente o que a S. Congregação pretendeu ao submeter-Lhe as suas decisões, bem sabendo da delicada questão que estava em jogo, e prevendo as oposições que as mesmas levantariam no campo anti-tomista;
4 — Que os atos da S. Congregação, e portanto, também da S. Congregação dos Estudos, aprovados pelo Papa, tornam-se atos da Santa Sé, ou seja, atos da Igreja e, como tais, dignos do mais alto respeito e da mais obsequiosa obediência por parte de todos os católicos, mesmo quando dizem respeito a simples matérias de disciplina. Por isso, são inseridos nos «Acta Apostolicae Sedis», que é, por assim dizer, o «boletim oficial» das leis e dos decretos da Igreja. Opor-se a estes atos é, portanto, opor-se à Igreja.

Bento XV não se afastaria, porém, nem uma linha da conduta do seu predecessor: antes, fez questão de confirmar os seus atos e de manter as ordens anteriormente emanadas, acrescentando-lhes as suas próprias.

Quando, de facto, sob a forma de dúvida, foi perguntado à Santa Sé se se devia considerar que as XXIV Teses expressavam o genuíno pensamento filosófico de Santo Tomás, Bento XV mandou responder pela S. Congregação «afirmativamente» e que por isso, as XXIV Teses deviam «SER PROPOSTAS como outras tantas normas diretivas seguras».

Não parece que esta resposta devesse ter feito depor, finalmente, as armas aos inimigos de Santo Tomás? Pelo contrário, eles acreditaram encontrar uma justificação para as suas próprias ideias no próprio texto da nova declaração da Santa Sé.

As XXIV Teses eram «propostas» para serem seguidas como normas diretivas seguras, não «impostas»: seria, portanto, lícito segui-las e não segui-las, ou, melhor, não haveria obrigação de as seguir.

E por esta distinção entre «impostas» e «propostas» surgiu uma polémica das mais antipáticas e sofísticas, que continua até hoje.

Concordamos também nós com os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais» que propor não é impor; o verdadeiro sentido, porém, no qual deve ser entendida a resposta da S. Congregação, só se pode afirmar tendo presentes os anexos e conexos, por assim dizer, da questão; ou seja, todas as circunstâncias.

Ora bem, tidos em conta os documentos que precederam e que se seguiram à publicação das XXIV Teses, e a declaração, apenas mencionada, da S. Congregação dos Estudos, datada de 7 de março de 1916, é necessário concluir que a intenção da Santa Sé não foi apenas propor aos mestres de filosofia nos Ateneus católicos, mas dar e prescrever-lhes uma norma a seguir.

Por que a S. Congregação não usará a palavra impor? Que nos responda o ilustre P. Pégues:

“Impor estas Teses nas escolas católicas queria dizer pedir a adesão da inteligência em nome da autoridade da Igreja: significava, isto é, transferir as Teses em questão do terreno da filosofia ou teologia para o terreno das estritas decisões doutrinais.

“A S. Congregação não acreditou dever tocar neste lado da questão. Não acreditou que fosse de sua competência, no estado atual, ordenar a imposição destas Teses nas escolas católicas. A Igreja não definiu nada a este respeito. Exigir a adesão interna por via de autoridade teria sido ultrapassar os limites de uma simples consulta disciplinar a respeito de uma direção doutrinal. Mas, dentro destes limites, a resposta foi de uma

“clareza perfeita e de um rigor extremo. Ela ordenou que as Teses em questão fossem propostas como normas seguras de direção. Ela não ordenou impô-las, mas impõe que sejam propostas. «Seria, então, pelo facto de a resposta ser mais uma vez demasiado clara, que se sentiu a necessidade de a desvirtuar? Tomai em mãos as diversas publicações que se tornaram o órgão e o eco desta audaciosa interpretação e vereis que a palavra «proponantur» se tornou simplesmente «proponuntur». Pela

troca de uma simples letra, o imperativo da S. Congregação transformou-se num vulgar indicativo, que deixa plena e inteira liberdade para fazer o que se quer[84] .,.

E, de facto, as XXIV Teses não puderam ser publicadas unicamente para fazer saber ao mundo quais eram e são os pilares da filosofia de Santo Tomás, mas para que ninguém pudesse enganar-se ou tergiversar sobre a filosofia que a Igreja quer e exige que seja ensinada nas suas escolas.

Seria ridículo que, enquanto a Igreja, por meio dos seus Pontífices, impõe a filosofia de Santo Tomás como a única que responde aos princípios mais certos da razão e da Fé, deixasse depois a cada um a liberdade de pensar à sua maneira sobre os princípios fundamentais desta mesma filosofia. Mas não haverá, porventura, nenhum exemplo, nos documentos pontifícios, em que o verbo propor inclua a obrigação de aceitar o pensamento e a determinação da Igreja? A Igreja propõe os seus dogmas. Porventura, o propor, neste caso, não subentende o dever sacrossanto de aceitar os dogmas no sentido em que são entendidos pela Igreja e não de outra forma, sob pena de naufragar na Fé? Ora bem, neste sentido, o verbo «propor» é usado por Pio X no «Doctoris Angelici», onde o Papa diz que, afastando-se de Santo Tomás, corre-se o risco de não mais entender nem mesmo o significado das palavras «quibus revelala divinitus dogmata ab Ecclesiae magisterio PROPONUNTUR». No nosso caso, a Igreja ordena que as XXIV Teses PROPONANTUR — se proponham, no imperativo — como os pilares da filosofia de Santo Tomás, ou seja, quer que como tais sejam reconhecidas e ensinadas e, com exclusão dos seus contrários, sejam mantidas, a fim de que seja afastado o perigo de se meter por um caminho diferente do indicado pelo Aquinate, que é o seu guia e mestre. Caem, portanto, todos os subterfúgios com os quais se acreditou poder iludir A OBRIGAÇÃO de seguir as XXIV Teses, obrigação negada também pelos autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais» pela razão de que propor não é impor[85]. Mas eles dão um passo ainda mais adiante. Ouçamo-los: “O termo «sententia» ou «norma tuta» tem um significado teológico-jurídico bem determinado e preciso. Segundo “o uso da terminologia, chama-se «norma» ou «sententia tuta» uma tese de cuja adesão, dado o estado presente da investigação, a autoridade eclesiástica NÃO TEME NENHUM PERIGO PARA A VERDADE

84 P. T. Pégues Intorno a San Tommaso — Una controversia recente, pág. 19-20.
O doutíssimo e piíssimo P. Pégues morria subitamente de um ataque cardíaco em abril passado em Dax, na França, para onde se tinha deslocado para algumas pregações. Paz à sua alma bendita; e que o seu exemplo e a obra deixada sirvam de incitamento a quantos desejam o triunfo do Aquinate, especialmente na Ordem Dominicana.
Como era agradável conversar com o P. Pégues sobre Santo Tomás, e como era instrutiva a sua conversação! Bastava colocar-lhe, ao acaso, uma questão, para que ele, com uma lucidez maravilhosa, respondesse, expondo perfeitamente a doutrina do Aquinate.
Mais de uma vez, pela sua insistência no texto do — Doutor comum — ele foi ridicularizado como um espírito tacanho, inimigo do progresso científico, e para o P. de Tonquedec, jesuíta, ele acabou por passar como um simples e árido «repetidor» de Santo Tomás. Talvez se quisesse que o P. Pégues obscurecesse com os seus comentários (que permanecerão: quinze volumes em grande oitavo) o pensamento do Angélico, como fazem aqueles comentadores modernos que têm a audácia de fazer passar as suas próprias elucubrações caprichosas como coisa de Santo Tomás, e ousam adornar o destroço do pensamento do «Doutor comum». Talvez se quisesse que o P. Pégues obscurecesse com os seus comentários (que permanecerão: quinze volumes em grande oitavo) o pensamento do Angélico, como fazem aqueles comentadores modernos que têm a audácia de fazer passar as suas próprias elucubrações caprichosas como coisa de Santo Tomás, e ousam adornar o destroço do pensamento do «Doutor comum».
O trecho acima citado, pág. 16 nota 2ª do de Tonquedec, era dirigido precisamente contra o P. Pégues, e é muito instrutivo — os leitores que o releiam — para se ter uma ideia da «caridade cristã» com que os discípulos do Aquinate devem esperar ser tratados pelos seguidores da neo-escolástica progressista moderna.

85 Pág. 78.

REVELADA — confiada “à sua custódia. Para ser mais exato, não traduziremos o “«TUTAE» por «SEGURAS», porque esta palavra pode também “assumir o significado de «CERTAS», mas traduzi-la-emos “por «NÃO PERIGOSAS». «Sententia certa» é, segundo “o uso prevalecente em teologia, uma qualificação superior e “e, em certo sentido, também diversamente formulada de «SENTENTIA TUTA». “Com «sententia certa» exprime-se a verdade e a exatidão “de uma opinião; em vez disso, com «sententia tuta» apenas a ausência direta nela de perigo para a Fé. “Por isso, quando a Igreja declara uma doutrina «norma» “ou «sententia tuta», ela garante que, NO ESTADO ATUAL DA CIÊNCIA, a aceitação daquela não representa NENHUM PERIGO VISÍVEL para uma verdade revelada. Isso é muito, mas não é de modo algum idêntico a uma “garantia para a verdade íntima da doutrina. Uma doutrina pode “não apresentar nenhum perigo para a Fé e SER, NO ENTANTO, FALSA. Em conformidade com isto, poder-se-á sustentar que, “ao lado de uma opinião declarada SEM PERIGO, PODE HAVER TAMBÉM OUTRAS QUE, CONTRÁRIAS RELATIVAMENTE AO MESMO PONTO EM QUESTÃO, SEJAM, NO ENTANTO, TUTAE (NÃO PERIGOSAS). “Não pode ser verdadeira mais do que uma opinião, mas pode haver muitas não perigosas„[86]. Conclusão: a doutrina tomista, por mais grandiosa e “venerável e digna de ser tida SANTAMENTE, não pode “ser considerada mais do que «UMA NORMA DIRETIVA NÃO PERIGOSA»[87]. Sem dúvida, é preciso reconhecer a habilidade com que os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais» defendem a causa daquela «Justa libertas», que lhes permite, finalmente, pensar o oposto de Santo Tomás e seguir princípios contrários aos do Aquinate, pela razão de que tais princípios, hoje ainda não declarados perigosos, e até mesmo a serem considerados totalmente não perigosos, poderiam amanhã, graças ao progresso da ciência, parecer talvez mais seguros do que aqueles que, reconhecidos abertamente como não perigosos, são hoje indicados pela Igreja como normas a serem seguidas nas suas escolas de Filosofia e Teologia.

Seja-nos permitido um pouco de análise do longo trecho que referimos.

Pio X — ouvimo-lo — fazendo eco a Leão XIII, que chama Santo Tomás de um SOL VIVIFICANTE, exalta a doutrina tomista como a mais adequada à ilustração da verdade revelada, e afirma que os princípios da Filosofia do Aquinate não devem ser colocados no rol das opiniões humanas, que mudam a cada momento, mas devem ser considerados como sólidos e inamovíveis fundamentos, sobre os quais se ergue toda a ciência natural e divina: «non ea haberi debent in opinionum genere, DE QUIBUS IN UTRAMQUE PARTIEM DISPUTARE LICET, sed velut fundamenta, in quibus omnis naturalium divinarumque rerum scientia consistit». Logo, a doutrina tomista é algo mais do que uma doutrina simplesmente não PERIGOSA, e quem raciocina de forma diferente opõe-se ao pensamento da Igreja.

Uma doutrina simplesmente NÃO PERIGOSA, duvidosa, portanto, quanto à sua consistência e verdade, nunca, jamais será apresentada pela Igreja como o fundamento de toda a ciência. Portanto, o título de «normae tutae» dado às XXIV Teses, nas quais se expressam os princípios fundamentais da Filosofia de Santo

86 Pág. 77-80.
87 Pág. 85.

Tomás, e que, embora não tendo o caráter de certeza da doutrina revelada, demonstram conter uma verdadeira certeza superior, sem comparação, à que pode parecer encontrar-se em outras doutrinas.

E daí que gratuita e infundada de todo se mostra a suposição dos autores de «A Escolástica e as suas tarefas» de que a doutrina tomista, sob a pressão do chamado «devir» da ciência, tenha, em algum momento, de perder o seu valor e a sua certeza, de modo a ter de ceder o lugar a outras doutrinas hoje talvez reputadas perigosas pelo facto, como eles dizem, de que «ao lado de uma opinião declarada sem perigo, pode haver outras que, contrárias ao mesmo ponto em questão, sejam, no entanto, «tutae», ou seja, não-perigosas, embora ainda não declaradas como tais».

Admitido este princípio, seria preciso dizer que uma opinião ou sentença ou doutrina poderia ser «tuta» e «não tuta» ao mesmo tempo; coisa impossível, como é fácil de entender, pela contradição que não o permite.

De resto, trata-se, formalmente, de «normae tutae» e não de «doctrina tuta». São «vias», isto é, não só verdadeiras, mas seguras para chegar à posse da doutrina verdadeira e certa de Santo Tomás. Uma via que conduz a Roma pode ser verdadeira e não segura, mas não vice-versa. Aqui não estamos no campo da probabilidade de opiniões morais. Os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais» parecem querer restringir a nota de certeza apenas às verdades e doutrinas da Fé; mas eles esquecem que, se há uma certeza sobrenatural, existe também uma certeza natural, e os princípios de Santo Tomás, nos quais, segundo a expressiva similitude do Santo Padre Pio XI, que ouvimos, há como que uma espécie de «Evangelho natural», gozam, entre todos, do privilégio desta certeza. Assim, pelo menos, mostrou em todos os tempos pensar a Igreja, que sobre a mesa das suas solenissimas decisões no Concílio de Trento, ao lado do Evangelho, quis colocar a «Suma» do Aquinate[88], como que para indicar e recordar que a doutrina do Angélico é A INTERPRETAÇÃO RACIONAL MAIS SEGURA E AUTÊNTICA DA REVELAÇÃO DE DEUS; e daí que muito temerário deve ser julgado aquele que crê poder livremente seguir as opiniões opostas às contidas nas XXIV Teses, nas quais se encontram os princípios e os fundamentos não só de todo o Tomismo, mas, segundo a palavra de Leão XIII, de Pio X e do Pontífice gloriosamente reinante, de todas as ciências. Toda, portanto, a disquisição que os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais» instituem e elaboram para provar que «opinio vel sententia tuta» equivale a «sententia simpliciter non pericolosa» reduz-se a uma pura logomaquia sofística, contra a qual protesta não menos o vocabulário do que o senso e o uso da Igreja. A qual apresenta promiscuamente nas XXIV Teses, sob a denominação comum e geral de «normae tutae», doutrinas filosóficas definidas solenemente como verdades de Fé e doutrinas não definidas. Que prova mais evidente do que esta se poderia desejar de que, no

88 Tende-se, agora, a pôr em dúvida este facto: «A Trente, elle /(a «Suma Teológica») est déposée, sur la table du Concile non loin des Evangiles» /de Tonquedec, Fault-il revenir ou «Thomisme»?). Dit-on: diz-se. O facto é, porém, clarissimamente afirmado por Leão XIII na «Aeterni Patris», e a autoridade de tal Pontífice, apoiada na história do Concílio, deveria alertar os semeadores de dúvida: «Mas a máxima glória de Tomás E QUE LHE É TOTALMENTE PRÓPRIA, PORQUE NÃO CONCEDIDA A NENHUM OUTRO DOS DOUTORES CATÓLICOS (aviso àqueles escotistas, Scaramuzzi, Longpré etc., que inventaram que a mesma honra foi concedida em Trento ao «sutil») está no facto de que os Padres do Concílio de Trento quiseram que, no meio da sala das assembleias, juntamente com os livros da Sagrada Escritura e os Decretos dos Pontífices Romanos, estivesse aberta sobre o altar a «Suma» de Santo Tomás de Aquino, para dela tirar conselhos, razões, sentenças».

pensamento da Igreja, todas as XXIV Teses não expressam doutrinas apenas não perigosas para a Fé, mas, sim, doutrinas certas e seguras em harmonia mirável, todas elas, com os dados da Razão e da Fé ao mesmo tempo?.... Estamos seguros de que, se a este pormenor apenas tivessem atentado os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais», não só nunca teriam pensado em reduzir o sentido do título «normae tutae» dado às XXIV Teses, mas ter-se-iam guardado bem de fazer passar como doutrina particular do sistema tomista, em contraste com a que para eles é a grande escolástica, a doutrina da unicidade da forma substancial no homem. Não se trata, de facto, de uma doutrina livre, mas de uma doutrina definida, que não pode ser validamente defendida senão no sentido tomista, e toda a oposição se dirige diretamente contra a autoridade da Igreja, antes e muito mais do que contra a autoridade de Santo Tomás. Pois ela não foi definida por consideração ao Aquinate, que a tinha sustentado e ilustrado, mas porque era doutrina católica, que era preciso pôr em segurança, além de pela sua verdade intrínseca, pelo seu estreitíssimo vínculo com uma multidão de verdades teológicas de altíssima importância, contra as negações dos inovadores. É sem dúvida doloroso ter de fazer semelhantes observações a homens de estudo e de doutrina como os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais», mas a verdade tem direitos superiores a qualquer consideração, assim como o respeito pela Igreja deve estar acima de qualquer pessoa, tendência ou escola. E não nos tragam os autores do nosso opúsculo, como desculpa para a sua oposição ao pensamento e à sentença da Igreja e como refúgio supremo para a interpretação que tentam dos Decretos eclesiásticos relativos às matérias em discussão, as permissões dadas privadamente por um ou outro Pontífice à Companhia de Jesus para seguir opiniões opostas às expressas em algumas das XXIV Teses; coisa que demonstraria, como eles dizem e se esforçam por provar, que aquelas opiniões não são menos seguras que as Tomísticas.

Na fé do que se afirma, admitamos que Bento XV permitiu aos Padres da Companhia manter e seguir privadamente algumas sentenças de Suárez. Mas esta concessão, motivada pelo facto de a Igreja não querer fazer das XXIV Teses outras tantas verdades de Fé, não informa de modo algum a vontade bem clara da Santa Sé de que as XXIV Teses devem ser tidas e seguidas como as normas diretivas e fundamentais do ensino filosófico-teológico oficial nas escolas católicas.

Se assim não fosse, a publicação das XXIV Teses, a serem seguidas «veluti tutae normae directivae», não teria significado.

Mas quando é que a Igreja e a Santa Sé promulgaram atos ou decretos que não tivessem um fim bem determinado, isto é, sem a intenção precisa de fixar a atividade intelectual ou prática dos católicos e dar-lhes normas seguras de Fé e de vida?

X. AS PRESCRIÇÕES DOS PAPAS LEÃO XIII, PIO X, BENTO XV E A COMPANHIA DE JESUS

De qualquer modo, os leitores estarão curiosos por conhecer um pouco a história de certas concessões, às quais se apela e nas quais se apoiam os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais» a fim de reivindicar para si e para o Instituto a que pertencem, a liberdade de seguir, em certos pontos de doutrina, sentenças opostas às de Santo Tomás.

Confessamos que ela é bastante confusa e obscura, e por isso estivemos em dúvida se devíamos acrescentar também este parágrafo ao nosso trabalho; mas, pensado longamente, pareceu-nos de todo necessário depois do que escreveram os autores do nosso opúsculo.

Nenhuma animosidade, de resto, há em nós para com a Companhia de Jesus. Pelo contrário. Nós falamos unicamente movidos pelo desejo de procurar e defender a verdade, sempre prontos a reconsiderar se porventura errarmos; mas ninguém deve ter a pretensão de invocar a autoridade da Igreja quando esta não falou, nem de atribuir aos Papas ideias em contraste com as expressas nos seus documentos públicos. Um[89] dos pontos de doutrina pelo qual, desde a época de Suárez, a Companhia particularmente luta, é aquele, retomado do Escotismo, da afirmada não-distinção, nas coisas criadas, entre essência e existência, não se importando que, à parte as perigosíssimas consequências filosóficas e teológicas de tal doutrina, inutilmente se pode dizer e vangloriar de ser tomista, ou seja, discípulo sincero do Aquinate, não a aceitando. O Tomismo, de facto, como sobre o seu fundamento, baseia-se, particularmente em Teologia, na sentença oposta, ou seja, que nas coisas criadas há distinção real entre o ser (essência) e o existir de uma coisa, sendo precisamente por isso, que Deus é o seu ser, que Ele é também, por consequência lógica, eterno, imutável, infinito em todas as suas perfeições. Ora bem, como a oposição a Santo Tomás por parte de não poucos elementos da Companhia de Jesus, especialmente após os solenes apelos de Leão XIII para não se afastarem da luz do Aquinate, tinha produzido admiração e escândalo, parece que o Geral P. Martin, impelido pela corrente suareziana, decidida a impor-se e suareziano também ele, se esforçou por obter da Santa Sé uma declaração pela qual os Padres, que não se sentiam inclinados a seguir o Angélico, fossem deixados em paz e na Companhia fosse a cada um deixado livre para escolher entre Suárez e o «Doutor Comum». Dissemos: parece, porque a atividade do P. Martin está envolta no maior mistério.

A quem, antes de mais, se dirigiu ele para obter a desejada concessão?....

A súplica do P. Ledokowski, que sucedeu ao P. Martin após o generalato do P. Wernz, ao Papa Bento XV, da qual se deduz tanto o pedido de Martin como a resposta dada a ele, infelizmente não diz, embora tivesse sido não só conveniente, mas obrigatório que fosse dito.

---

89 Um, não o único, pois as diferenças entre Suarezianismo e Tomismo são tantas quanto as diferenças entre Tomismo e Escotismo, lembre-se, e as XXIV Teses enunciam princípios contrários igualmente às doutrinas tanto de Suárez como de Escoto. O que explica, precisamente, a união presente dos escotistas e dos suarezianos na luta pela conquista daquela «justa libertas», que dê livre curso, nas nossas escolas, a todas as opiniões, quaisquer que sejam.

O Ledokowski, interessado não menos que os seus predecessores em manter a tradição e as doutrinas, que se tornaram oficiais na Companhia, limita-se a escrever:

BEATISSIME PATER!

«Ad pedes Sanctitatis Vestrae provolutus humiliter peto, ut Sanctitas Vestra, ad dubia omnia tollenda, responsum datum pia memoriae P. Generali Martin in quaestione de reali inter essentiam et existentiam distinzione approbare dignetur».

E segue o texto do «responsum»; «Responsum vero fuit sequens»:

«Sententia realis distinctionis inter essentiam et existentiam, prouti sententia contraria, est in Societate libera et uniciqiae licet eam sequi et docere sub hac tamen duplici conditione: 1° ne eam quasi fundamentum faciat totius philosophiae christianae atque necessariam asserat ad probandam existentiam Dei eiusque attributa, infinituidinem etc.et ad dogmata rite explicanda et illustranda; II. ne ulla nota inuratur probatis et eximiis Societatis Doctoribus quorum laus est in Ecclesia».

Et Deus.

Romae, die 9 Martii 1915.

WL. LEDOKOWSKI
Praep. Gen. Soc. Jesu[90]

A ninguém que saiba quão exata, precisa e circunstanciada é a Santa Sé nos seus documentos, indicando sempre neles tanto a autoridade da qual emanam, como os motivos pelos quais são emanados, e as pessoas ou institutos a que se dirigem e a data da sua publicação, a fim de que todo o engano seja removido a seu respeito, não pode deixar de causar estranheza a forma totalmente insólita, vaga, involuta, obscura e contraditória de este responso, que, assim que se tornou conhecido, deu lugar a vivíssimas polémicas e contestações dentro e fora da Companhia por parte de muitos estudiosos de autoridade e valor[91]. Perguntamos novamente: Qual foi a autoridade da qual foi formulado um responso tão inaudito, uma verdadeira bofetada na sabedoria e prudência da Igreja?.... Diz-se que, respondendo à súplica do P. Ledokowski, o Papa Bento XV declarou «Praedictum responsum R. P. Martin novimus exaratum fuisse iuxta mentem Leonis XIII f. r.[92]. Por isso o Pontífice, fazendo-o seu, o confirmava: «Ideoque illud approbamus et nostrum omnino facimus»[93]. Mas quão misterioso um tal rescrito, que até agora nunca viu a luz do dia, sabe, não há quem não veja. Todos sabem, aqueles que viviam há cerca de quarenta anos e se interessavam por estudos filosóficos e teológicos e pelas polémicas, não menos ardentes então do que agora, entre as diversas correntes que lutavam pelo predomínio das suas ideias e da sua escola, como aquele imortal Pontífice, com uma multidão de atos que culminaram todos na famosa Encíclica «Aeterni Patris», tinha procurado reconduzir a unidade de ensino e de doutrina, em nome e sob a luz de Santo Tomás, entre os católicos. Um

90 «La Scolastica etc.», pág. 106.
91 V. o breve, mas exaustivo opúsculo de Mons. E. Binzecher, secretário da Pontifícia Academia Teológica de Roma «De la distinction entre l'Essence et l'Existence-A propos d'un décret émané du P. Ledokowski, Général de la Compagnie de Jésus, 1920.
92 «La Scolastica etc.», pág. 107.
93 Ibid.

facto basta para demonstrar qual, até ao fim, foi a mente de Leão XIII sobre a questão da distinção entre essência e existência, o ponto capital de todas as divisões entre Tomistas e Suarezianos. Um certo Padre Piccirilli, professor na Gregoriana de Roma, tinha fixado na mente a ideia de demonstrar, com um volumoso escrito, o oposto da sentença de Santo Tomás. Ao saber disso, Leão XIII exonerou imediatamente o obstinado Suareziano do seu ensino, proibindo, ao mesmo tempo, a impressão da obra[94].

Como esquecer o Breve «Gravissime Nos», dirigido por Leão XIII à Companhia de Jesus em 30 de dezembro de 1892, precisamente para recordar aos Padres o dever de se aterem fielmente a Santo Tomás?.... Nele, o Papa recomendava e ordenava que a sentença de Santo Tomás fosse adotada mesmo quando as opiniões opostas fossem tidas como prováveis, e declarava ainda que, quando alguma sentença emergisse como doutrina certa do Aquinate, «não deveria mais levantar-se dúvida sobre o dever de a seguir». Posto tal mandamento do Pontífice e sendo declarado: as XXIV Teses contêm a genuína — «germanam» — doutrina de Santo Tomás, é claro que nenhuma oposição a esta doutrina por parte de ninguém da Companhia deveria ter sido levantada. E não se diga que os atos e os mandamentos de Leão XIII foram revogados com a sua morte. Para que as ordens de Leão XIII pudessem ser consideradas caducas, teria sido necessário que ele o declarasse. Pelo contrário, Pio X não fez senão seguir-lhe os passos e recordá-los, pública e privadamente, em múltiplas ocasiões. Por isso, sem temor de faltar ao respeito à memória de Bento XV, que conhecemos bastante intimamente e que nunca pretendeu afastar-se da linha luminosa de pensamento e de ação traçada pelos seus gloriosíssimos Predecessores, não hesitamos em afirmar que se o rescrito, a que se aludiu, foi realmente dado, ele não pode ser entendido senão no sentido de Mons. Binzecher, secretário da Pontifícia Academia Teológica de Santo Tomás em Roma. O qual, no imediatamente, em nome dos Filhos de Santo Inácio fiéis à constituição do Instituto, pelo opúsculo por ele dedicado à questão e numa nota aqui acima recordada, fala não de um decreto ou responso da Santa Sé ou de uma Sagrada Congregação, mas de um «decreto do P. Ledokowski». Por outro lado, como se explica o silêncio com que se procurou envolver, nos ambientes oficiais da Companhia, os «documentos» que aqui nos interessam?.... Dada a sua importância e a justificação que traziam ao comportamento da Companhia, por que motivo não foram eles levados também oficialmente ao conhecimento do público, não menos interessado em conhecê-los do que os religiosos da Companhia?.... Por que motivo, de facto, só à Companhia seria lícito aceitar ou repudiar as sentenças de Tomás e não também a qualquer outro?.... Pelo contrário, se se veio a conhecer o decreto de Ledokowski, foi apenas através das queixas

94 Ela apareceu, não obstante, após a morte de Leão XIII, nos primeiros tempos do pontificado de Pio X, causando grande admiração nos meios académicos e universitários, onde as coisas eram sabidas. Daí que com aplauso de todos os estudiosos e do próprio Pio X foi acolhida a refutação escrita P. Mattiussi nas «Harmonias da Fé» ano 1906, n. 21-22. Daquele magistral trabalho, apraz-nos referir o fecho. O P. Piccirilli protestava «querer paz» e ter querido, com a sua obra, pôr paz entre Tomistas e Suarezianos. Respondia o Mattiussi: "O il.mo A., com ótimo sentimento e com" "verdadeiro amor, quer paz. Certamente, todos queremos a paz, na medida em que concordemente tendemos para o fim, para a verdade, para Deus, por mais que qualquer divergência afaste as nossas débeis mentes. Mas se paz quisesse dizer concordar em reconhecer, na questão tratada, o Angélico indiferente ou incerto, essa «paz seria fundada no falso, por isso mentirosa e instável,»" Aviso àqueles que ainda hoje pro bono pacis pensam em arrumar Santo Tomás ou em conciliá-lo com os seus opositores.

levantadas contra ele pelos fiéis à tradição mais antiga e pela parcialidade com que foi aplicado. Embora seja certo que, mesmo querendo defender a sentença de Santo Tomás na questão da distinção entre essência e existência, um aluno da Companhia se encontraria não embaraçado, mas totalmente impedido pelas duas condições impostas: de não afirmar, isto é, que a doutrina da real distinção — nas criaturas — é doutrina fundamental no Tomismo, e, secundariamente, de não fazer crítica ou censura aos autores Jesuítas que à mesma se opuseram, cujo louvor — diz-se — está na Igreja. Enquanto a primeira destas condições leva à destruição do Tomismo, a segunda não é admissível senão no sentido de nota ou censura teológica. Daí se compreende a reação vivíssima que eclodiu no seio da própria Companhia, comparável apenas àquela de que foi testemunha o Colégio Romano nos primórdios do Suarezianismo. Não é necessário aqui repetir o que acima notamos sobre os «exímios doutores da Companhia, cujo louvor está na Igreja», observaremos apenas, a título de complemento do que foi dito, que da doutrina de nenhum destes doutores, nem de outros, a Igreja atestou conter ela «sentenças de verdade». Este é um louvor que foi feito apenas à doutrina de Santo Tomás: «Huius (scil. St. Thomae) doctrina prae coeteris habet veritatem sententiarum», e por isso não se comete ofensa contra os diversos santos Doutores preferindo às suas doutrinas a doutrina do Aquinate.

Ora, entre as doutrinas do Doutor Angélico e comum, qual mais indubitável do que esta: que, sendo Deus ato puríssimo, só n'Ele a essência e a existência se identificam?.... É esta propriedade da natureza divina que nos conduz a entender a distinção entre Deus e o mundo, entre o criado e o incriado, entre o eterno e o contingente, entre o mutável e o imutável, entre aquilo que é e aquilo que não é senão uma participação limitada e imperfeita do primeiro Ser, d'«Aquele que é». Negada a distinção real entre essência e existência nas criaturas, tudo, pelo contrário, se confunde, e a via está aberta para os absurdos imorais do Panteísmo. A questão é certamente abstrusa e difícil, sendo poucos aqueles que sabem elevar-se acima das coisas sensíveis a ponto de chegar a distinguir e a separar aquelas coisas que em ato não se separam: “Difficile est mente auferre et separare ab invincem, quae actu non separatantur; non enim est hoc nisi illorum qui per intellectum sopra sensibilità elevari possunt„[95] mas não é porque nem todos são capazes de certas alturas metafísicas que é lícito negar aquilo que engenhos mais agudos ensinam sobre certas verdades distantes de qualquer experiência sensível. Negar estas verdades significa expor-se a erro de mil maneiras; o que é particularmente verdadeiro para aqueles que se afastam, mesmo que minimamente, dos conceitos primordiais de essência e ser. É nesta matéria que de modo totalmente particular se verifica o princípio: «Parvus error in principio, magnus in fine»[96]. Não é, de resto, apenas contra o respeito devido a Santo Tomás, a esta verdadeira «suprema theologorum summitas», que se dirige a afirmação dos Padres Martin e Ledokowski, ou seja, que a doutrina da distinção real, nas criaturas, entre essência e existência não deve ser tida “quasi fundamentum totius philosophiae christianae atque necessarium ad probandam existentium Dei eiusque attributa, infinitudinem “ etc. et ad dogmata rite explicanda et illustranda ,, pois ela não carece menos de respeito para com os maiores Padres e Doutores da Igreja, a

95 D. Thomas, in VIII Metaphysicae, lec. 2.
96 Aristóteles, De coelo et Mundo, text. 53.

começar por Santo Agostinho, para os quais só de Deus é próprio que o ser seja a sua mesma essência: «Solius Dei esse est sua essentia». Porque Deus é ato puríssimo, natureza simplicíssima, ou seja, tal «cui non sit aliquid habere quod vel possit imittire, vel aliquid sit habens, aliquid quod habet»[97]. Donde a definição do IV Concílio de Latrão sob Inocêncio III: «Firmiter credimus et simplicitur confitemur quod Deus.... est simplex omnino»[98], renovada nos nossos dias pelo Vaticano[99]. Estamos nós, portanto, diante não da doutrina de um mestre particular, caso em que o dissentir poderia até ser lícito, embora perigoso[100], mas sim diante de uma doutrina pressuposta pela Fé católica, ainda que a proposição com que Santo Tomás, resumindo e sintetizando o ensinamento dos Padres e dos Doutores da Igreja, a exprime: «Solius Dei esse est sua essentia» não tenha sido declarada de Fé, nem usada pela Igreja nas suas definições da absoluta e perfeitíssima simplicidade de Deus. Ora bem, se só Deus é o ser absolutamente simples, o ser em que não pode haver nenhuma composição não só física, mas nem sequer metafísica, porque toda a composição traz consigo um conceito de antes e depois, de subordinação, de dependência e contingência, enquanto Deus é o ser por si, o ser necessário, sem o qual o ser de todas as outras criaturas, como contingente, nem sequer se pode conceber, torna-se evidente a certeza metafísica da distinção real entre ser e essência nas criaturas, que de Deus tiveram princípio e d'Ele dependem, pilar e fundamento de todo o sistema filosófico e teológico de Santo Tomás.

Por isso, contradizer o «Doutor Angélico e comum» nesta matéria é contradizer a Igreja, contradizer a verdade, expor-se, dizemos, a mil perigos e danos no estudo da natureza divina e das divinas perfeições, todas radicadas na unidade, simplicidade e atualidade supra-substancial do ser divino. É verdade, e repetimo-lo de propósito para que se veja que não fugimos às objeções dos nossos adversários: a doutrina da distinção real ainda não foi definida pela Igreja; mas não é por não ter sido ainda definida que pode ser impugnada, visto que toda a impugnação dela acaba por infirmar, obscurecer, confundir a primeira verdade que a razão e a Fé concordemente ensinam de Deus, ou seja, que Deus é aquele cujo ato é o ser: «cuius actus est esse» e somente sendo é tudo e tudo de modo infinito. Precisamente porque as criaturas não são o seu próprio ato de ser, por isso não são infinitas, mas limitadas; não são necessárias, mas contingentes, ou seja, são e não são: são porque participam no ser; não são na medida em que, pela sua limitação essencial, contêm alguma negação do ser; afirmação de ser e negação de ser, ou seja, de atualidade, que não se explica sem a doutrina da distinção real nelas da essência do ser, do ato da potência. Ninguém, por isso, pode opor-se à sentença de Santo Tomás sem se opor, ao mesmo tempo, à Razão e à Fé, a menos que, em vez de seguir a Razão, se prefira seguir a imaginação e a fantasia. A doutrina da distinção real poderá parecer difícil, porque remota da imaginação, mas é para o intelecto doutrina forte, inconcussa, inexpugnável. Mas

97 D. August., De Civit., Dei, libr. XI, cap. 10; in Joann., tract. XX.

98 Denzinger, Enchiridion, 188/428.

99 Sessão 3ª, cap. 1, Constituição Dogmática «de Fide catholica».

100 Se Aristóteles quer (VI Ethic., cap. 12) que se acredite nos ditos dos homens sábios mesmo quando eles não apresentam provas das suas afirmações, não podendo duvidar que elas não sejam segundo a prudência e a verdade, como será possível repugnar diante do ensinamento luminoso do Aquinate, expressão magnífica do pensamento da Igreja, sede, guardiã e mestra da verdade?

para voltar, depois desta não inútil, embora não breve digressão, aos pretensos documentos, dos quais os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais» creem poder deduzir ter a Igreja concedido liberdade à Companhia para sustentar o oposto da sentença do Aquinate na questão da distinção real, e donde, por consequência lógica, que foi tirada, enunciada e altivamente afirmada, a liberdade de rejeitar os princípios tomísticos contidos em todas, ou quase todas, as outras Teses; um ano preciso tinha passado desde a publicação do anódino e estranhíssimo decreto do P. Ledokowski, quando a Sagrada Congregação, com a aprovação do Papa Bento XV, publicava a conhecida resposta à dupla dúvida a ela submetida. Se, ou seja, todas as XXIV Teses continham a doutrina genuína de Santo Tomás, e se as mesmas deviam ser consideradas como normas diretivas nos estudos de Filosofia e Teologia.

Cremos saber e poder afirmar que a Sagrada Congregação dos Estudos pretendeu e quis pôr fim, com este novo ato, às discussões provocadas pelo decreto do P. Ledokowski, contra o qual, assim que se tornou conhecido, choveram, de toda a parte, queixas e protestos.

Os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais» escrevem, em vez disso, que se a resposta da Sagrada Congregação às dúvidas submetidas ao seu exame e aprovada solenemente pelo Papa devesse ser entendida como, por assim dizer, uma correção do decreto Ledokowski, uma retirada da liberdade nele afirmada e um regresso à sentença pura e simples de Santo Tomás, Bento XV teria mudado de opinião no espaço de um ano[101]. Coisa que, para se esquivarem da acusação de faltarem ao respeito à autoridade daquele Papa, eles se apressam a dizer «pouco provável».

Não!.... Não só é «pouco provável», mas é absolutamente falso que Bento XV tenha mudado de opinião no espaço de um ano.

A opinião daquele Pontífice não deve ser deduzida de pretensos documentos desprovidos de qualquer valor, como é o decreto do P. Ledokowski, não se sabe quando feito nem por quem (o rescrito, que se diz ter sido a ele anexado, traz as mesmas notas de inautenticidade), mas dos documentos públicos e inseridos nos atos da Santa Sé.

Estes são os únicos documentos que fazem fé para um católico; os outros, apenas na medida em que com estes se conformam.

Ora bem, apenas dois meses antes do decreto do P. Ledokowski, Bento XV, restaurando a Academia Tomista de Roma, já fundada por Leão XIII, escrevia estas notabilíssimas palavras: “Nos vero cum, aeque ac Decerores nostri persuasissimum habeamus de illa TANTUM Philosophia Nobis esse laborandum, quae sit secundum Christum (ad Coloss., II, 8), " AC PROPTEREA ipsius Philosophiae studium AD PRINCIPIA " ET RATIONEM AQUINATIS OMNINO EXIGENDA ESSE, UT " PLENA SIT, quantum per humanam rationem licet, explicac- " tio invictaque defensio traditae divinitus, hanc sancti Thomae Academiam, non minus quam illis, Nobis esse curae " volumus appareat[102]. É possível — perguntamos — que aquele

101 «A resposta da Congregação, confirmada pelo Papa, data de 7 de março de 1916. É, portanto, à primeira vista, pouco provável que o Papa, no espaço de um ano, tivesse mudado de ideia tão totalmente a ponto de prescrever mais tarde como doutrina a ser necessariamente observada aquilo que antes havia expressamente declarado opinião livre» (Scolastica etc. pág. 81).

102 Cf. Acta Apostol. Sedis, janeiro de 1915.

Bento XV que em janeiro de 1915 identificava de maneira tão solene a filosofia do Aquinate com a filosofia que, segundo o Apóstolo, é segundo Cristo, e a impunha à Academia, cujo esplendor queria conservar, pela memória de Leão XIII, com ordens tão fortes e precisas, mudasse, não no espaço de um ano, mas de apenas dois meses, de opinião, a ponto de permitir que num instituto da Igreja, com escolas públicas, se seguissem doutrinas diametralmente opostas às de Santo Tomás nas questões mais graves, interessando não só toda a Filosofia, mas toda a Teologia e a explicação e defesa da verdade revelada?.... A menos que nas escolas e academias eclesiásticas seja lícito seguir aqui uma opinião, ali outra... Mas então para onde iria aquela unidade de doutrina que, segundo as ordens do Apóstolo, deve ser conservada na Igreja?.... Não!.... O pensamento de Bento XV, que se quereria fazer parecer oscilante e incerto, não se alterou nem vacilou jamais, nem antes nem depois da publicação da tão contestada resposta da Sagrada Congregação dos Estudos — março de 1916 — com a respetiva declaração sobre as XXIV Teses a serem tidas «veluti tulae normae directivee». Não antes, e acabámos de o mostrar; nem depois, e vejamo-lo. Num Breve, de facto, dirigido em junho de 1916 ao falecido P. Hugon, Dominicano, para o felicitar pelos volumes publicados com o fim de divulgar a doutrina tomista, Bento XV afirmava: “Sanctum et salutare est ac paene necessarium in scholis catholicis, ubi ad Philosophiae et Theologiae " scientiam instituitur sacra iuventus, summum haberi magistrum " Thomam Aquinatem. Ita, quae a Decessoribus nostris, praesertim Leone XIII ac Pio X fel. rec. hoc de re sapientissime constituta sunt, omnino opus est salva ac inviolata consistere „[103]. Que valor pode reter, face a estes documentos oficiais, o decreto do Padre Ledokowski, não é, certamente, necessário indicar. E note-se como neste último o Papa insiste para que em todas, sem exceção, as escolas onde se forma o clero, o mestre seja Santo Tomás. Esta ordem não deveria ter valido e não deveria valer também para as escolas confiadas à direção da Companhia de Jesus?.... Em vez disso, “dans les écoles de la Compagnie de Jésus règne “ une très grande variété: le thomisme pur est enseigné ici ou “ là....[104] Les Provinces d’Espagne restent fidèles à leur tradition suarézienne; et en ce qui touche la fameuse thèse tho- “ miste de la « distinction réelle » entre l’essence et l’existence “ les direction données à l’Ordre par les papes Leon XIII et “ Benoit XV la présentent comme une doctrine libre et dont “ on ne doit pas faire le fondement indispensable de toute “ philosophie chrétienne „[105]. Se é um jesuíta que nos descreve, em termos tão crus, a confusão que reina nas escolas da Companhia pelo erro de se ter querido deixar a guia luminosa do Aquinate, poderíamos até passar por cima, para não nos alongarmos demasiado sobre um assunto que, por si só, não precisaria de outras demonstrações, para outra carta de

103 Cf. Acta Apost. Sedis, junho de 1916.

104 Onde?.... Teria sido muito bom que o A. indicasse onde ainda o Tomismo puro é ensinado na Companhia. Que se encontrem Padres que, individualmente, estão com Santo Tomás, admitamo-lo; a Companhia oficialmente e no seu conjunto, não mais.

105 P. de Tonquedec, Thomistes et Thomistes nas «Revue fédéraliste» junho de 1923. — O objetivo do escritor neste trabalho é demonstrar, segundo ele diz, que inutilmente o Tomismo pode aspirar «à un caporalisme philosophique», a ser, isto é, a doutrina filosófica principal, guia nas escolas católicas. O que ele deduz da liberdade deixada pela Igreja à escola escotista de apresentar o seu autor e à Companhia de seguir Suárez em vez de Santo Tomás, apesar de reconhecer — e já o ouvimos — o ecletismo que coloca o doutor chamado «exímio» a uma distância imensa do «Doutor comum» e numa posição de antagonista, como no seu tempo Duns Escoto, contra ele. E esta gente, que navega na confusão, tem a audácia de responsabilizar a Igreja e a Santa Sé pelas suas próprias contradições e de a fazer parecer de acordo com as suas próprias visões erradas.

Bento XV na qual os autores do nosso opúsculo depositam a sua última defesa. Encarregado pela XXVI Congregação Geral da Ordem, o P. Ledokowski expunha numa longa epístola os critérios e as normas a que os religiosos da Companhia deveriam ater-se para que fosse evitado, doravante, entre eles, todo o contraste de doutrina e assegurada aquela unidade de direção e de ensino que, infelizmente, tantas polémicas recentes tinham demonstrado ter-se tornado um mito entre os filhos de Santo Inácio. Antes, porém, de enviar a sua «epístola», quis o Padre Ledokowski submetê-la ao juízo e à aprovação da Santa Sé. Foi ela, portanto, levada ao Papa, o qual, sob a data de 19 de março de 1917, respondia ao Geral da Companhia com uma carta de louvor pelo zelo demonstrado no incremento dos estudos na Ordem, e na qual se diz que, permanecendo a Companhia fiel à doutrina do Angélico, segundo o que o escrevente tinha explicado, os Padres poderiam depor todo o temor “ne eo quo par est obsequio iussa non prosequantur Romana” “norum Pontificum, quorum ea constans sententia fuit ducem” “ac magistrum in Philosophiae ac Theologiae studiis Sanctum” “Thomam haberi opus esse, integro tamen cuique de iis in utra- “que partem disputare, de quibus possit soleatque dei sputari ,..” E, falando particularmente da obrigação de seguir as XXIV Teses, Bento XV escrevia: “Quo quidem in iudicio “recte Nos te sensisse arbitrariur quum eos putastis Angelico “Doctori satis adherere, qui universas de Thomae doctrina “theses perinde proponendas censeat ac tutas ad dirigendum “normas nullo scilicet omnium amplectendarum thesium impos- “isita officio ,,[106]. Perguntamos: é lícito deduzir destes passos, como deduzem os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais», que o Papa concedeu à Companhia de Jesus a permissão de ensinar teses em contraste com as de Santo Tomás....[107]?

Absolutamente não. O Papa insiste de modo inequívoco na obrigação de todos os estudiosos católicos de seguir as doutrinas do Aquinate: esta — diz ele — foi sempre a vontade dos Sumos Pontífices: «Romanorum Pontificum constans sententia fuit». Nenhum princípio, portanto, contrário aos princípios de Santo Tomás e, consequentemente, nenhum autor oposto ao «Doutor comum» pode ser considerado como base de um ensinamento ou como guia nas escolas católicas. Ora bem, Suárez, que erradamente é considerado por alguns como o «próprio doutor» da Companhia, estando em oposição com Santo Tomás, deve ser abandonado por quem quer, por um lado, obedecer à Igreja, e, por outro, assegurar-se de não errar. Eis a única e verdadeira conclusão que das palavras de Bento XV se pode deduzir. Mas — diz-se — Suárez e Santo Tomás podem ser conciliados. Respondemos: Jamais! E entre os Jesuítas ninguém esconde a impossibilidade de poder reduzir a doutrina do «exímio» a um sentido tomista. Lembre-se a declaração de Tonquedec, que entre os filósofos modernos e vivos da Companhia é um dos mais cotados: “J'en sais qui déclarent n'apercevoir aucune différence importante entre la philosophie ouvertement éclectique de Suarez et celle St. Thomas... „ Suárez está para Santo Tomás como o sim para o não, como o dia para a noite: entre os dois há oposição de contrariedade: logo, é preciso decidir: ou com Santo Tomás e a Igreja, ou com Suárez contra Santo Tomás e contra a vontade da Igreja. Non datur medium, e toda tentativa de

106 «Scolastica etc.», pág. 108.
107 Ibid., 82.

conciliação está destinada a naufragar desde o princípio, assim como naufragaria, e na realidade no passado naufragou, toda tentativa de conciliação entre o «Doutor comum» e o chamado «Doutor sutil», apesar da boa vontade empregada e posta por alguns para conseguir harmonizar, através de maravilhosos acrobatismos intelectuais, de ingénuas interpretações, de hábeis preterições e de sofísticas deduções, um com o outro. Mas o Papa concede liberdade de discussão em torno daquelas matérias e doutrinas «de quibus possit soleatque disputari»....

E quem duvida disso?.... A Igreja foi sempre e é ainda hoje muito liberal na discussão das matérias sobre as quais se pode, sem perigo, discutir; e assim se poderá também discutir sobre aquelas coisas que em Santo Tomás podem ser ou parecer menos claras, sendo ridículo pensar que ele tenha podido «descrever o fundo de todo o universo», como diria Dante[108], e imitando nisto a mesma modéstia e indústria do «Doutor comum» «qui nec auctoribus antiquitatis suffragio comprobatis fidem abrogat nec in sententiam eorum ratione in contrariam vocante, transit»[109]. Mas é preciso observar se aqueles princípios e aquelas doutrinas, sobre as quais se discute entre tomistas e anti-tomistas, expressos nas XXIV Teses, são daquelas matérias «de quibus possit disputari».

Pio X, recolhendo a sentença e o ensinamento dos Papas precedentes, particularmente de Leão XIII, pronunciou no «Doctoris Angelici» que “não se devem ter os princípios de Santo Tomás no género daquelas opiniões, sobre as quais é lícito discutir: quae in Pphilosophia sancti Thomae sunt capita, non ea haberi debent in opinionum genere, de quibus in utramque partem disputare licet, mas devem ser considerados como solidíssimos fundamentos de toda a ciência natural e divina: sed velut fondamenta in quibus omnis omnis naturalium divinarumque rerum scientia consistit„ autoridade, fica claro que Ele não concedeu nem pretendeu conceder aos Padres da Companhia uma liberdade que teria feito cair no ridículo e no desprezo o decoro e a autoridade da própria Sé Apostólica. Posto que Bento XV tivesse querido trazer modificações ou explicações ao texto do «Doctoris Angelici», Ele o teria feito com um documento equivalente, com outro «Motu proprio» ou «Breve» ou numa Encíclica, e não com uma carta privada, como é a carta dirigida em março de 1917 ao Geral da Companhia para responder a algumas perguntas do mesmo. Esta carta foi publicada, sim, nos periódicos da Companhia — «Civiltà Cattolica», «Zeitschrift für katol. Theologie», «Etudes», etc. —, mas não apareceu nos «Acta Apostolicae Sedis». Não parece aos autores do nosso opúsculo que também isto não seja sem significado?.... Porque — seja dito mais uma vez — o juízo dos católicos a respeito das intenções, vontades e disposições da Santa Sé não pode ser determinado senão pelos atos públicos e oficiais da mesma, como são todos os atos inscritos no Boletim Oficial dos seus decretos e das suas leis. Mas então — insiste-se em dizer — que significado têm aquelas outras palavras: «nullo omnium amplectendarum thesisim imposito officio»?.... Se “o Papa sublinha particularmente o facto de que o Padre

108 Inferno, XXXII, 8.

109 Malchior Cano, De locis theologicis, libr. XII, Proemium, citado também por «Scolastica etc.» pág. 109-110. Quanto, porém, aos autores do nosso opúsculo, se lhes importa tanto o exemplo, recordado por Cano, do célebre Francisco de Vitória, seu mestre, por que não se detiveram, também, igualmente naquilo que o mesmo dizia, e ali igualmente referido, ou seja, «tantam divi Thomae sententiam esse faciendam, ut si potior alia ratio non succurreret, sanctissimi et doctissimi viri satis nobis esset auctoritas»?....

Geral julgou retamente ao pensar que seguem fielmente o Santo Doutor aqueles que consideram dever propor todas as teses da doutrina de Santo Tomás como seguras normas diretivas, sem impor qualquer obrigação de as abraçar todas„„[110], quem quererá sustentar ainda o contrário e impedir uma justa liberdade demasiado conforme ao estilo e à praxis da Igreja?.... Se bem olhassem os autores do nosso opúsculo, veriam que à sua objeção já foi respondido. As XXIV Teses devem todas ser propostas como seguras normas diretivas no ensino filosófico-teológico das escolas católicas; com tudo isto, a Igreja não pretende vincular a seu respeito as consciências, como se fossem outros tantos artigos de Fé. Nenhuma censura, por isso, poderia ser feita a quem, não persuadido ou menos persuadido da sua verdade intrínseca, não se sentisse inclinado a subscrevê-las; mas elas devem constituir o pilar e o ponto de partida do ensino público e oficial nas escolas católicas.

Isto, e não outra coisa, é o significado da frase: «nullo omnium amplectendarum thesisimposito officio». Porque até que uma tese ou proposição seja declarada pertencente à Fé, a Igreja nunca proibirá a discussão e a disputa em torno dela.

E o pensamento de Bento XV é idêntico ao de Pio XI g. r. quando, na Encíclica «Studiorum Ducem», recorda que ninguém deve exigir mais do que a Igreja exige.

Embora seja certo que, quando a Igreja recomenda com tanta insistência uma doutrina, é preciso dizer que a mesma é verdadeira; donde a obrigação em todos de a abraçar e seguir.

Se assim não fosse, que significado teriam os Cânones nos quais, recolhendo e sintetizando o seu pensamento, a Igreja prescreve, no Código da sua lei, o estudo assíduo e a sequela fiel do «Doutor comum»?.... E que o que a este respeito por ela foi dito, ensinado, recordado, inculcado, «sancte teneatur»?....

Uma última observação.

Os leitores recordam a interpretação curiosíssima que os autores de «A Escolástica e as suas tarefas atuais» deram ao adjetivo «tutus», que eles fazem equivalente a não-perigoso; — e daí que «normae tutae directivae» traduzem por «normas, sentenças não-perigosas», onde, como observávamos, o significado de «tutus» é completamente desvirtuado.

Queremos esperar que eles não terão mais a coragem de insistir na sua interpretação, posto que na fé e autoridade da «Civiltà Cattolica»[111] eles aceitam que «tutus» equivale na nossa língua a «seguro» e, portanto, a frase «normae tulae directivae» soa e diz «normas diretivas e seguras» e não já normas simplesmente não-perigosas. E, de igual modo, eles acabam por admitir que, se Bento XV, ainda que em consequência de uma mudança de opinião, pretendeu «prescrever como doutrina a ser necessariamente observada» aquela mesma «que antes havia declarado livre», ao estudioso católico não restaria senão obedecer. Ora bem, nós cremos ter demonstrado que Bento XV pretendeu mesmo ordenar que a doutrina das XXIV Teses, expressão genuína do pensamento filosófico-teológico de Santo Tomás, fosse por todos observada necessária e santamente: logo, esta doutrina, e não outra, deve ser aceite e fielmente executada, e toda a oposição a este respeito vai diretamente contra o

110 Pág. 82.

111 O trecho da carta de Bento XV ao P. Ledokowski aqui último examinado é dado pelos autores do nosso opúsculo segundo «a tradução que se lê na «Civiltà Cattolica» Ano 68. 1917 etc.». (pág. 82, nota).

pensamento, a vontade e a autoridade daquele Pontífice e da Igreja. A qual, promulgando, pela boca de Pio XI g. r. na Constituição Apostólica «Deus scientiarum Dominus» de 24 de maio de 1931 o regulamento dos estudos nas escolas e Universidades católicas, estabeleceu: Art. 29 a: — “In facultate theologica principem locum teneat sacra Theologia. Haec autem disciplina methodo cum positiva tum scolastica tradenda est; ideo, veritatibus Fidei expositis et ex sacra Scriptura et Traditione demostratis,earum veritatum natura et intima ratio ad principia et doctrina “ Sancti Thomae Aquinatis investigentur et illustrentur „. Art. 29 b. — “ Philosophia scolastica tradatu eaque ita ut auditores plena coherentique synteisi doctrinae ad methodum et principia Sancti Thomae Aquinatis instituantur. Ex hac autem doctrina diversa philosophorum systemata examinentur et dijudicentur „. Assim Pio XI, cujas prescrições repetem perfeitamente as ordenações de Leão XIII, de Pio X, de Bento XV, e outra coisa não são senão um elo a mais acrescentado aos nossos dias à mirável e nunca interrompida cadeia de louvores e de homenagens que, há seis séculos, a Igreja tributa ao nome e à obra do maior dos seus Doutores e Mestres, Santo Tomás de Aquino.